



HOMENAGEM

A

José de Alencar

No dia 12 de Dezembro ultimo o «Centro Litterario», rendendo homenagem ao mais bello e grandioso vulto da litteratura brasileira, reuniu-se em sessão extraordinaria, no palace da Assembléa estadual ás 7 1/2 horas da noite, para solemnizar o 18.º anniversario da morte de José de Alencar.

O salão achava-se ornado com extrema simplicidade — bandeiras e escudos em que se liam os nomes de *Minas de Prata*, *Senhora*, *Viuvinha*, *Luciola Diva*, *O Sertão* e *Sonhos de Ouro*, *Guarany*, *Iracema* e outros de obras do immortal patrio.

Por cima da cabeça do Presidente estava collocado um retrato de Alencar.

Grande profusão de flores menos bellas e menos perfumosas do que as creadas pela vigorosa mentalidade do fantasioso artista, juncava o soalho.

Fizeram-se representar a *Academia Cearense*, *Padaria Espiritual*, *Phenix Caixeiral*, *Escola Militar*, *2º Batalhão de Infantaria*, *Club Floresta do Paixoto*, *Congresso de Sciencias Praticas*, *Imprensa*, *Tribunal da Relação* e *Instituto do Ceará*.

Abaixo damos as palavras com que o illustrado presidente do *Centro Litterario*, o Dr. Guilherme Studart, abriu a sessão.

Publicamos tambem as importantes peças litterarias dos Drs. J. de Serpa e José Lino, que são dois ornamentos do *Centro*.

Palavras proferidas pelo Dr. Guilherme Studart
ao abrir a sessão do Centro Litterario commem-
morativa do 18.º anniversario do passamento de

José de Alencar

MEUS SENHORES :—Machado de Assis, o eximio, o fino burilador de phrases, terminou com chave de ouro um curto mas elegantissimo discurso, que pronunciou por occasião do lançamento da primeira pedra para o monumento que a gratidão da patria pretende levantar ao autor do *Guarany*.

Lembrou elle a expressão de desalento com que se encerra e se poema, que tem o nome de *Iraceia* « tudo passa sobre a terra », e fez patente como contra o dizer do cantor da linda Tobajara protestava n'aquella occasião a cerimonia, que trazia reunido na Praça Ferreira Vianna o mundo das lettras Fluminenses.

Em verdade nem tudo passa sobre a terra. Não passará a virtude. Não morrerá a intelligencia.

Tudo o prova a saciedade.

E o demonstra dentro de suas mingoadas forças esta sessão litteraria, que o *Centro* n'uma de suas expansões por tudo quanto tender ao levantamento do nome Cearense lembrou-se de promover e está vendo realisar-se á medida de seu mais intimo desejo.

A data de hoje, a do fallecimento de José de Alencar, não pode passar desapercibida á alma Brazileira.

Quem soube semeal-a com mãos prodigas em todas as manifestações de seu talento genuinamente creador, superlativamente fecundo, não pode encerrar se no chão de um cemiterio, desaparecendo com os despojos da materia uma memoria preciosa á historia do pensamento humano.

E muito mais do que em qualquer parte deve perdurar e

lenda de suas glórias na terra, que tem o orgulho de havel-o produzido.

Que cada anno vele-se de crepe a litteratura Brazileira ao relembrar a data em que tombou fulminado seu mais vivaz representante; que cada anno se agite a alma Cearense ou antes a alma nacional para perpetuar ás gerações, que se succedem, o nome do genial homem de lettras, ainda hoje sem successor.

Para e se concerto de ovações, para esse preito de justiça jamais recusarão seu contingente, embora diminuto, os moços entusiastas do *Centro Litterario*.

Está aberta a sessão.

... E' *assim, meus Senhores*. — deixae utilizar as palavras de Rouelle, um dos fundadores da chimica moderna, — é *assim, meus Senhores*, que podemos ir pagando aos poucos a grande divida de honra da Patria.

Talvez devesse nos começar mais cedo. Mas vimos ainda a tempo e começamos bem.

Ha na austera singeleza d'esta homenagem uma magestade, que eleva e encanta. Esta forma cultual, que parece e de facto é tão simples, é uma das mais nobres e mais dignas. Substitue perfeitamente ao quadro e à estatua e é talvez a mais apropriada á glorificação do morto illustre que fez da palavra, senão a unica predestinação do homem, ou o espelho de que elle carece para se reconhecer a si proprio, como diria Lamartine, com certeza a mais bella manifestação da força creadora do genio.

Na historia da arte, que, até certo ponto, é a historia da civilisação, a inspiração é a Grecia e a Grecia é a estatua. Mas, sem desdenhar as maravilhosas bellezas desse pequeno paiz que inspirou a Byron as esplendidas paginas do *Geaour* e a Castellar, o orador-seculo, muitas das suas mais soberbas imagens, devo recordar-vos, que quando Ulysses

ou Telemaco encontravam qual uer personagem de estatura e belleza distincta, começavam por perguntar-lhe si não era um deus. O antropomorphismo passou dos dominios da religião aos dominios da sciencia e da arte.

Ora, nós não precisamos de dar á apotheose do homem estas proporções ou de transplantar para a nossa epocha o espirito da antiguidade heroica ou da idade media, para justificar a nossa presença e o nosso papel nesta augusta solemnidade.

Basta-nos dizer o que elle foi, ou antes o que continua a ser na historia litteraria do nosso tempo.

Basta-nos mostrar a sua obra, onde « cada pagina que se volta é como uma folha, uma petala que vamos arrancando á nossa bella natureza, representada sob a forma de uma flor. »

Basta-nos dizer delle, como artista, o que elle disse de Victor Hugo : « o poeta teria sido um grande pintor, si em vez da penna, que o seu anjo da guarda arrancou de suas azas para dar-lhe, elle tivesse encontrado no seu caminho uma palheta e um pincel. » (1)

Basta-nos, emfim desdobrar aos olhos dos que na vida são dignos de sonhar duas cousas grandiosas — o amor e a liberdade (2) — « essas paginas doiradas, inspiradas pela natureza, e escriptas longe da Patria, para melhor sentil-a e comprehendel-a (3) ». E a proposito, Srs., uma confissão sincera.

Entre os grandes poemas, que conheço, trez exercem poderosissima influencia sobre o meu espirito : — a *Illiada*, que é a epopéa dos deuses e nos faz conhecer, at'avez dos seculos, a alma da Grecia ; a *Eneida*, que nos remonta á Roma de Augusto e é superior á Illiada, sob o ponto de vista da

(1) José de Alencar, Cartas sobre os Tamoyos.

(2) Lamartine, Graziella.

(3) J. de Alencar, Cartas sobre os Tamoyos.

arte, e os *Luziadas*, que, conforme um pensamento de M.^{me} de Stäel, encerram tanta poesia como a biblia e tanta religião como as produções de Homero, mas onde existe, sobretudo, a assombrosa revelação de inexcedido patriotismo !

Não ha duvida, Srs., que é difficil, mais do que difficil talvez, dizer qual dessas incomparaveis obras primas do espirito humano é a mais opulenta e a mais bella. Affirmo-vos, porém, sem hesitação alguma, que sacrificaria todas que existem por uma unica, que as resume e que é o meu encan'o — os *Luziadas*. Sabeis porque ? Simplesmente porque é a unica que me fala da America.

Tres livros admiraveis conheço, capazes de me fazerem acreditar com o cantor do *Jocelyn*, que « a poesia foi o primeiro balbuciar da intelligencia humana, e será o ultimo grito da criação. »

São elles :

— *Paulo e Virginia*, que Lamartine chama o manual do amor ingenuo, o livro que parece uma pagina da infancia do mundo arrancada á historia do coração humano (4); — *Grasiella*, que lemos ora admirando, ora chorando, ora pensando ; doce poema, em que a fascinadora imagem da joven procitana nos apparece transfigurada pelas lagrimas, iniciada na dôr pelo amor, e em que se confunde com os silvos e lamentos da tempestade o suspiroso adeus da infeliz creança (5), e *Iracema*, que nos grava n'alma o nome e a imagem da virgem dos labios de mel, e que nos faz « sentir palpitar o coração já frio e indifferente com a lembrança d'um d'esses amores poeticos e innocentes que têm o céu por docel, as lianas verdes por cortinas, a relva do campo por divan, e que a natureza consagra, como mãe extremosa, e como santa religião ! » (6)

(4) Grasiella.

(5) Lamartine, idem.

(6) J. de Alencar.

Não ha duvida que sob o ponto de vista da arte e mesmo sob o ponto de vista do genio, o ultimo não pode ser o primeiro, para servir-me da imagem biblica. Mas juro-vos que ao lado da Eva de Milton, da Haydêa de Byron, da Malvina de Ossian, da Atala de Chateaubriand, da Cora de Cooper, enfim de todas essas visões graciosas, que são a gloria e o tormento dos poetas, me apparece Iracema, cercada de flores e raios de sol, a falar uma linguagem que n e encanta e cujas vozes me parecem hymnos !

Mas sabeis porque dentre os tres livros immortaes, que eu leio com os olhos d'alma e guardo no coração, prefiro *Iracema* ? Simplesmente, Senhores, porque é o unico que me fala da Patria !

Caberia agora dizer-vos, de passagem embora, o que foi José de Alencar para merecer-nos a perpetuidade no bronze e a imprecibilidade na historia. Mas ainda que a minha palavra fosse como os relampagos do Synai, bastante rapida, para não fatigar-vos, e bastante fulgurante para illuminar toda a encosta, eu não me atreveria a convidar-vos a fazer-mos a perigoza ascensão da montanha sagrada.

Ha nos *Martyres* de Chateaubriand uma scena de incomparavel belleza e que se passa no ponto mais elevado do monte Colzim. Dilata-se em derredor um horisonte immenso. Ao Oriente descobrem-se as cristas do Horeb e do Synai, o deserto de Sur e o mar Vermelho ; ao meio dia as serras da Thebaida ; ao norte os plainos safaros em que Pharaó perseguiu os hebreus, e ao occidente, para lá dos areiaes de fogo, o valle fecundo do Egypto. A aurora, entre-abrindo o céu da Arabia Feliz, doira por algum tempo este quadro. Mas afinal ergue se o sol e corôa de esplendores esta fronteira dos dois mundos. (7) E' então que se levanta magestosa e illuminada, olhos cravados no céu, a visão do prophet. Fala e ora longo tempo.

(7) Chatheaubriand, Os Martyres.

Mas quem ousará interrogal-o e tentar repetir a sua linguagem divina?

Pode a critica, Senhores, obedecendo á tendencia que se nota no espirito scientifico para despir todos os phenomenos da sua rotupagem poetica (8), pode a critica, assim influenciada, reduzir a menos de metade a obra do grande morto. Mas, ainda depois de feita a selecção, depois de baixar á região da mediania o orador parlamentar, que aliás se batera com os melhores artistas da palavra e conseguira verdadeiras victorias na tribuna; o dramathurgo, que não podera penetrar até o fundo do coração e da consciencia como penetrara Shakespeare; o jurisconsulto, que indo muito além do *Corpus Juris*, não teve genio ou ensejo para hombriar com Savigny ou Von Ihering; o poeta, que tentando dar-nos um poema nacional inutilmente buscou «arrancar do seio d'alma algum canto celeste, alguma harmonia original, nunca sonhada pela velha litteratura de um velho mundo» e por isso mesmo ficou muito aquem de Longfellow, que lembra aos Americanos do Norte o vulto grandioso de Göethe; ainda depois de tudo isto, srs., sobrar-nos-á razão e orgulho, para admirar-o na historia e construir nos nossos corações o seu eterno monumento!

Salvar-se-ão de todo o naufragio o *Guarany* e *Iracema* e em quanto d'elles restar uma vaga lembrança viverá nos nossos fastos o nome glorioso do artista, que os produziu!

E porque, Senhores, falando-vos do orador parlamentar, do dramathurgo, do jurista, do romancista e do poeta, esquecer o jornalista, que tão formosa tradição deixou entre os cultores da imprensa nacional? Porque não relembrar uma das faces mais brilhantes do seu incommensuravel talento?

Não sente-se, por ventura, ainda hoje — nas scenas que descreveu e nos quadros que deixou, — o amor da nossa

(8) Tobias Barreto, Estudo de Direito.

patria, o enthusiasmo pela liberdade, a paixão da justiça, o horror da tyrannia e a impassibilidade do genio de Tacito, educada ao fogo da virtude antiga? E' que, meus Senhores, o jornalista lemb'ra o politico e eu quizera deixar na penumbra essa parte, aliás gloriosa, da vida do grande morto. Saibéis porque? Ouvi-me.

Em todas as obras de José de Alencar o sentimento mais forte, o sentimento que domina é o sentimento da Patria.

Si já não estiverdes convencidos, convencei vos, Senhores, vendo como elle descreve o nosso sol, onde cada raio é um poema e vive uma scintilha divina de nova poesia; — como elle nos fa'la da lua a occultar o rosto sob o véo branco das nuvens, a enrubecer, confusa, porque sahiu do leito do sol; como, depois do astro das doces contemplanções, elle nos fala da mulher, o astro da terra, typo novo, ainda não creado pela arte ou pelo genio; como depois da imagem graciosa da virgem india, de faces côr de jambo, de cabellos pretos e olhos negros, elle nos fala do som, da forma, da côr, da luz, da sombra, do perfume, do murmurio das ondas e do echo profundo e solemne das florestas virgens; como, emfim, para immortalisar nossa terra, elle produz a doce lenda de *Iracema*, que se tornou para os nossos vates e sonhadores a sagrada visão do amor e da poesia!

Mas tudo isto, Srs. não conseguiu tornar popular, entre nós, o nome do grande escriptor cearense. Assistimos indifferentemente á sua carreira de triumphos e ás soberbas homenagens que lhe tributaram lá fóra. O mais que fizemos foi não apedrejal-o, como a outros, que tambem se tornaram dignos das honras do Pantheon.

Maldita politica!

Mas, Srs., é tempo de concluir.

Conheceis de certo, na historia religiosa da antiguidade (e a antiguidade aqui é o Egypto, depois da 11.^a dynastia), o

estranho processo da pesagem das almas no julgamento dos mortos. As acções de todo o passado eram postas na balança da verdade e o tribunal pronunciava-se ou pelo tormento durante seculos, e depois o completo aniquilamento, ou pelo esvoaçar atravez dos espaços e logo após o encorporamento á multidão dos deuses.

Pois bem. Si este fôr o processo empregado pela critica, si antes do julgamento do grande brasileiro pesarmos na balança da justiça todas as suas obras, não precisaremos de acrescentar o muito que elle amou á nossa patria para que o possamos proclamar, como Victor Hugo a Louis Blanc—um morto immortal.

J. DE SERPA. (Orador official)

SENHORES

Com raro brilhantismo de estylo, comparavel talvez ao do fecundo genio francez das Bellezas do Christianismo, o Conde de Vog iê, descrevendo o infortunio de que foi victima o grande ministro de um dos Czares, Loris Melikof, diz que elle esperando a terra natal acampa no cemiteio de Nice, n'aquella risonha praia do littoral francez entre as nevoas dos Alpes e o mar, brando como o que banha Batorne e os sopés das montanhas da Georgia.

Por uma fatal coincidencia do destino, ou na phrase de Vogué, a ironia formidavel Shakspeare que inventa, alli deitou a historia o eminente russo, a alguns passos de Gambetta — do homem que partilhou com elle as vistas do mundo, que concebeu uma empreza semelhante, no mesmo momento, com o mesmo brilho, a mesma ambição e o mesmo insuccesso!

Se estes dois mortos, aproximados por um estranho capri-

chio, conversarem, podem perguntar um ao outro: qual o mais esquecido depois de tanto ruido e de tanto poder ainda hontem? (1)

Me veio á mente a recordação desta pagina do illustre publicista francez ao ler ha pouco num dos jornaes da Capital Federal as notas de um reporter no dia da grande romaria dos vivos aos tumulos dos mortos.

Notando a ephemera lembrança d'aquelles pelos que desceram ás sombras do *grande nada*—o jornalista apenas vio sobre a campa do autor do *Guarany* um pequeno ramo de flores... e nada mais.

A brilhante vida litteraria de José de Alencar, na côrte do antigo imperio, perpassou então em meu espirito, rapida, fecunda e ruidosa como fôra n'aquelle tempo.

E' possivel que no theatro de suas glórias, na arena de seus combates, no proprio pedestal de suas apotheoses—hajão esquecido tão rapidamente o vulto d'aquelle homem, que traçou com buril de ouro, em estylo castissimo e rutilante, um sulco tão profundo e original na litteratura brasileira?

A geração dos novos, a pleiade intelligente da mocidade, que vem surgindo como o clarear esperançoso do arrebol de um bello dia, segue por acaso roteiro desconhecido arrastada pela torrente impetuosa de tantas idéas que parecem chocar-se n'um conflicto de tempestades para despenhar-se do pino do seculo, que expira convulsionando talvez o mundo?

E' bem possivel.

Mas, uma cousa consola-me n'este momento; é ver a mocidade congregada n'um mesmo pensamento, unida pelo mesmo affecto e sentimento generoso, para render um prei

(1) Espectaculos Contemporaneos.

to solemne de homenagem e saudade á memoria do José de Alencar —um dos marores vultos da litteratura nacional.

Senhores.

Ao estudar a personalidade complexa do autor de *Iracema*, o papel que representou este eminente brasileiro na republica das letras, me ven ao pensamento, por uma associação de idéas, o trabalho insano e collossal de uma grande cerebração d'este seculo n'outro ramo de conhecimentos humanos.

Quero fallar-vos de Alexandre de Humboldt, autor do *Cosmos*, o viajante sem rival, infatigavel e pertinaz, o homem de quem disse Littré que nada deixou sem visitar; vio todos os mares, atravessou os Steppes da Asia e as planices da America, subio os picos elevados dos Andes e do Himalaya, observando, medindo e cotejando todos os accidentes e phenomenos do planeta (2)

Assim foi o immortal autor das *Minas de Prata*; seu vastissimo talento e sua tendencia para o ideal percorreu todas as regiões das letras com uma superioridade verdadeiramente assombrosa.

Romancista —ahi está sua vasta collecção onde se destacação na primeira fileira duas cumiadas de luz — *Guarany* e *Iracema*, obras genuinamente brasileiras, monumentos impereciveis, crystalisações finissimas de um estylo inimitavel, surprehendente e original.

Jornalista --o *Diario do Rio* foi sua brecha, seu posto de combate onde sua penna tersou em labores diamantinos com as dos mais valentes e adestrados gladiadores daquela epocha memoravel

Os seus triumphos n'este prelio contão-se pelo numero de dias que pelejou.

(2) La science—E. Littré.

A serie brilhante de folhetins sob os titulos de *Cartas de Erasmo*, *Ao correr da penna*, *au jour le jour* e a critica sobre a *Confederação dos Tamoios*—constitue por si só cabedal sufficiente para immortalisar um nome.

Parlamentar—teve dias de gloria nos torneios da dialectica e da eloquencia ao lado de Zacharias de Góes e Cotegipe.

Dramaturgo—recebeu, como Agrario de Menezes, os applausos triumphaes das plateas brasileiras.

Sob diversos aspectos se pode encarar a individualidade artistica de Alencar na acção e na influencia que exerceu na litteratura brasileira; deixo, porem, aos mais competentes este trabalho de analyse e de critica.

Poucos, ou antes um só discipulo de Taine, Alencar Araripe, teve o desassombro, com proficiencia de mestre, de submitter ao cadinho puro e imparcial da analyse o producto enorme d'aquella mentalidade privilegiada.

Alencar, no dizer de Araripe, —o mais caprichoso dos artistas americanos—quando academico levou para S. Paulo, a imaginação e a sensibilidade profundamente abaladas pelos romances que sua Mãe o fazia ler para distrahir-se.

Ahi, na Paulicea, na terra privilegiada e feliz dos antigos emboabas, Alencar atirou-se com soffreguidão aos chronicistas e aos escriptores de character puramente americano, aos pintores da natureza agreste, e começou assim um estudo apaixonado de tudo quanto servisse para dar vida e luz ao seu espirito, fazendo emergir do obscuro este sonho que constituia a essencia de sua propria natureza. (3)

A extrema sensibilidade de Alencar, a sua fecunda imaginação aliada a um poderoso talento podemos dizer que fizeram d'este brasileiro illustre o primeiro estylista da sua lingua —n'este seculo.

(3) Perfil litterario de José de Alencar.

Nas paginas do *Guarany* e de *Iracema* encontram-se, não creações de genio, mas primores de uma belleza, de um tal encanto e simplicidade, como talvez a linguagem humana no mesmo género jamais tenha produzido superior.

N'estas duas obras, onde Alencar vasou toda sua delicada concepção de artista e as sonoridades de sua alma contemplativa e poetica—o seu pensamento forma-se como se forma o crystal—na phrase de Alberto Sorel ao fazer o elogio de Taine.

Mas, . . . que elementos concorreram, que força actuou na sua mentalidade para produzir tão soberbas paginas descriptivas, tantas paisagens de um colorido tão intenso e exquisito, que parece transportar nas azas mysteriosas de um genio oriental a imaginação do leitor para um paiz phantastico e desconhecido.

A sua alta e apurada sensibilidade, e a contemplação da natureza exuberante e radiosa dos tropicos, me parece, foram os factores que mais concorreram para a formação do artista da phrase limpida, sonora e serena como a face esmeraldina dos lagos de nossa terra onde Iracema, a virgem dos tabajaras, banhava-se ouvindo ao nascer do Sol—o canto da jandaia nas palmas dos verdes coqueiraes.

Na sua adlescencia Alencar fez a longa travessia dos sertões de sua terra natal até a Bahia.

Esta viagem do futuro homem de letras feita morosamente n'aquella epocha, as impressões das primeiras leituras (innumerous romances) e a observação da natureza não teriam influenciado aquella nebulosa que mais tarde deveria tornar-se estrella esplendorosa a rutilar no immenso firmamento da litteratura brasileira?

E' incontestavel esta verdade. A emoção que a natureza produz na imaginação e na alma—muito influio sobre a compleição artistica de Alencar.

N'este ponto foi mais feliz do que os antigos.

« Nunca os gregos, diz Schiller, se ligaram á natureza com a *sympathia* e a doce *melancholia* dos modernos. »

Não se deu o mesmo com o povo rival e fronteiro da Africa e isto nos confirma o grande mestre Littré quando refere — « o vivo e terno sentimento da natureza que inspira as côres harmoniosas de seus quadros, que revelão quanto elle a comprehendia e a calma infinita que elle ha sabido lançar no repouso do mar e no silencio das noites. »

Nas obras de Alencar, repito, a sua poderosa sensibilidade muito concorreu para a sua força e seu valor artistico.

O temperamento mais frio e indifferente em contacto com os periodos de mais intensa vida e colorido do *Guarany* sente necessariamente alguma cousa de vago, indefinido e melancolico, embora, mas que abata os nervos e emociona o espirito.

Ahi é que está todo segredo e a grandeza da obra de Alencar.

Excitar emoção afigura-se-me, diz Pierre Lotti, deve ser o fim de toda obra d'arte.

São as faculdades da sensibilidade que creão a individualidade no artista ; e quanto mais numerosas, profundas, mais desenvolvidas e ao mesmo tempo mais finas, mais agudas são estas faculdades, mais poderosa será a individualidade (4).

Que importa que poucos deem valor somente nas produções de Alencar, ao torneado da phrase, á harmonia da palavra cheia de cambiantes assemelhando-se aquillo que alguém denominou « *virtuosidade de estylo* » se a maioria dos que as lêem achão no fundo d'este formoso painel o nervo magico, que estremece o coração, que commove, que embriaga e seduz ?

(4) A litteratura do futuro—Pierre Lotti.

E' por isto que sua obra ha de atravessar gerações como a de Chateaubriand e Lamartine, sempre vivas, sempre interessantes e novas para aquelles que conhecem os grandes abysmos da dôr e das alegrias do coração humano.

E' por esta razão, diz eminente publicista, que hão de estar sempre a surgir poetas novos que cantarão eternamente para seus irmãos a canção de suas almas, de suas alegrias e de seus temores em presença da vida e da morte, em presença do Amor, em presença do enigma do mundo. E por mais velha que esta canção pareça, ha de todavia ser sempre nova, do mesmo modo que os sorrisos e as lagrimas são sempre novos embóra sejam eternos.

DR. JOSÉ LINO.

IRACEMA

(Sonetos lidos na sessão «José de Alencar»)

I

*Inda além, muito além daquela serra,
que ao longe azula, na distancia extrema,
nasceu outr'ora a languida Iracema,
a mais formosa flor, que viu a terra.*

*Tão rapida e tão leve como a ema
que pelas selvas perfumadas erra,
era a doirada flôr que o aroma encerra
e a vida inteira do immortal poema.*

*Um dia a virgem, ao sahir do banho,
pasma, vê junto a si guerreiro extranho
formoso, a contemplal-a emberecido ;*

rapida a flexa lhe despede então . . .

*Mas, ao vê-lo sorrir, calmo e ferido,
sente tambem ferido o coração ! . . .*

II

*Desde esse dia amou-o co'a ternura
de um fundo amor intrinseco e sagrado :—
amor nunca sentido e nem gosado
por coração de humana creatura.*

*Por elle em claro dia, em noite escura,
viveu em sonho eterno atribulado ;
foi-lhe a vida um suspiro angustiado
que a levou do berço á sepultura.*

*Por elle, em ancias de um martyrio mudo,
deixou selvas, familia, irmãos e tudo.....*

Por elle ainda o proprio Deus esquece.

*A elle entrega a flôr da primavera,
o labio, o corpo, a vida e mais lhe dera,
depois de morta, a alma, se o pudesse !*

III

*Verdes mares bravios, marulhosos,
de meu berço natal... heroicos mares,
que gemeis como os tremulos palmares
ao bafejar dos zefyros cheirosos ;
verdes mares sombrios, procellosos,
alizae, como os verdes nenufares,
para que o manso barco aos frescos ares
resvalle á flôr dos ventos bonançosos.*

*Dentro do fragil lenho valoroso
vae o guerreiro : crava o olhar saudoso
da terra amiga, lá na curva extrema.*

*E no seio da vaga immensidade
traz-lhe o terral, envolto na saudade.
ainda o mel do nome de Iracema.*

ALVARO MARTINS.

Romantica

(DOS «PERFIS»)

A ADOLPHO CAMINHA

Era uma evocação penosa talvez, mas de uma pena onde havia restas bemdictas de um leve mysticismo, de uma pena onde havia a essencia santa de muita ventura extincta, era a evocação silenciosa de um passado muito querido e jamais revivido, de uma phase de sua vida em que o coração conhecera — o virgem coração hoje tão arido, de uma aridez de steppe russo, — os gozos de affeições mysteriosamente complexas, que jungem o coração ás subtilidades caprichosas de um espirito, que desabrocha innocente e são.... evocação penosa talvez, mas em todo o caso muito dulcificada pela reminiscencia de extinctos gozos, que davam á sua vida um colorido de poesia...

Levára seu espirito a essa epocha sempre lembrada saudosamente e reconstituia o romance mais saliente d'essa phase de sua existencia, romance de que ella fôra a heroína.

E era uma magoa agriçosa ao pensar que ella tivera em suas mãos o desfecho e que preferira a solução mais dolorosa para si a uma outra vulgar e banal, e que desfizera a um aceno de seu capricho o sonho, que acariciára por vezes, levada por sua natureza muito romantica e ávida de sensações fortes e sempre novas, onde nada houvesse que não fosse muito original e muito emocionante.

Procurando o requinte na sensação, no gozo d'essa affeição, deixára talvez fugir a ventura, mas scismava ás ve-

zes que a desventura é que estaria na realização d'esse sonho louco.

E como ella tinha viva ainda na memoria a impressão da primeira vez que o vira — o garboso principe muito louro, muito branco, de traços feminis, e que ella contemplára friamente, apenas com curiosidade, mas sem interesse !

Depois foi que lhe disseram que elle estava alli por sua causa, que abandonára a côrte com seu fausto e seus prazeres, as ruidosas manifestações com suas pompas, as festas officiaes com seu brilhantismo, só por ella, só para vê-la, só para se approximar d'ella, e então foi um deslumbramento que a cégou ; não creu ao principio, mas depois os factes comprovaram-no e ella convenceu-se pela evidencia...

Fôra-lhe apresentado S. Alteza pelos amigos, que logo encontrou promptos a lhe servirem de *ciceroni* sollicitos e S. Alteza dignou-se muito amavelmente cumprimental-a e galanteal-a finamente, como um principe e como um rapaz de educação feita nos salões das capitaes européas.

Aquelle — *Sua Alteza* — apesar seu, soáva para ella de um modo extranho, e a vibração d'essa resonancia decidira talvez tudo.

Sentia-se muito pequena, mas muito honrada e isto era o sufficiente para que ella esquecesse a distancia que a separava d'elle, e transformasse em ponte a barreira, que as convenções e a hierarchia estabeleciam entre os dous de um modo absoluto e irremediavel.

O olhar d'esse principe forasteiro — garço e limpido — não tinha a nostalgia brumosa dos frios ceus da terra do gelo, d'onde elle viera, mas — a doçura calma e ascética de um olhar de virgem que tivesse vivido n'um recato perpetuo, esquivando-se á ardencia dos sóes intensos e luminosos de um paiz equatorial.

Nas unhas muito polidas e muito rosadas de sua mão nervosa, que o sangue azul levemente tingia, estava symbolisado todo o esmero de sua educação faustosa, e o seu ves-

tuário correctissimo, de tacando-se notavelmente dos mais vestuários de seus companheiros, seria bastante para d'elles distinguil-o, si não possuísse além d'isso belleza e graça realçadas pela côr serena de seu rosto oval.

E que nobreza firme em sua fronte larga, sem rugas, de uma limpidez de marmore bem esmerilhado !

Era o representante de uma raça poloneza de sangue real, de austéros habitos e antepassados gloriosos, que se celebrisaram nas luctas do sabie e do amôr.

Envolvido na denuncia de uma conspiração, evitára o perigo passeiando as capitaes européas, onde a policia moscovita não o podia alcançar.

Em Paris levára uma vida de aventuras galantes, nas quaes fizeram papel saliente mulheres da alta vida—chloroticas parisienses de espartilho, que se deixavam irresistivelmente seduzir pela rigida correcção de fórmias do moço nobre.

Visitára Vienna e Berlim, Roma e Madrid, onde creou um premio original nas touradas para o *valiente*, que se deixasse espetar nos córnos de um touro.

A proposito contava-se que uma madrilense formosissima e cruel conseguira por essa fórmula a avultada quantia offerecida por S. Alteza, exigindo que o amante se suicidasse, o que o louco mancebo fez, depois de deixar documentos fazendo cessão á amante do cobijado premio.

Depois veio á America. Os Estados-Unidos, o Mexico, Cuba, Buenos-Ayres e Montevidéo tiveram a honra de hospedar o principe e por fim o Rio de Janeiro, onde tencionava demorar-se poucos dias.

Mas n'uma tarde luminosa e inolvidavel, o acaso levou-o á Rua do Ouvidor na occasião em que lá estava essa creaturinha, que ia dispôr de seus planos e de seu futuro, altiva — que passou sem olhal-o mesmo, bella — que arrastava as attenções e os corações dos que a viam...

O negro azeviche dos cabellos formosissimos, os olhos escuros e severos e a bocca pequenina dafluminense encantadora tiveram mais poder sobre elle do que a elegancia das francezas lymphaticas e a paixão de fogo das robustas meridionaes da Andaluzia.

Foi uma explosão e foi uma loucura.

Informou-se. «E' de Campos,» disseram-lhe, «e parte amanha.»

E foi assim que a formosa cidade viu-se em galas para receber o principe russo que peregrinava pelo universo.

Ao chegar á estação, grande era a massa de curiosos que iam vê-lo...

Foram organisados festejos officiaes para a sua recepção.

Elle olhou e não a viu e tudo lhe foi então indifferente—acclamações e discursos, musica e fogos, banquetes e danças...

No dia seguinte, porem, sua soffreguidão foi satisfeita.

Sahiu a visitar a cidade e ao passar pela casa do Dr. Ribeiro — um capitalista da terra — sorprezo fixou o olhar n'um grupo de moças que á calçada palestravam.

Era Ella!

Os companheiros de S. Alteza fizeram um cumprimento rasgado e semi-familiar, elle fitou-a demoradamente, inclinando a cabeça com graça e o chilrear de vozes subito parou e o principe foi um instante alvo das attenções de todos.

—«Aquella é filha do Dr. Ribeiro, Lélia, bem chic, não acha, Alteza?»

—«Sim, bem chic!»

E um delles — o Gouveia — intimo da casa, deu informações:

E' uma menina extranhamente caprichosa.

Affavel com todos, tem repellido pertinazmente os que pretendem disputar-lhe o coração.

Poderá amar, mas enquanto souber que não é amada.

Talvez feita para grandes dedicações, não pode supportar a banalidade de um amôr correspondido.

Sonha cousas muita ideaes, paixões muito complicadas e muito pouco terrenas, onde haja paginas á Montepin, scenas febris á Ohnet, arroubos lyricos á Hugo.

E' o romance de certo a causa d'esse exaggero de imaginação... E o cultivo de seu cerebro tem por principal elemento o romance indistinctamente colhido em todas as livrarias e nos quaes acha-se a apologia de todos os crimes, a legalisação de todas as infamias.

E' um producto da perigosa escola romantica, um cerebro envenenado já, e que bem orientado teria seguido caminho menos pernicioso na apreciação da vida e do mundo.

Até o coração, que devia parecer extranho a essa educação perversora e prejudicial, até o coração d'ella se resentiu.

Como disse, quando se impressiona, julga amar, e si encontra resistencia, esse sentimento progride e ganha terreno e ella se sente incoercivelmente dominada pela influencia poderosa d'essa paixão imaginaria.

Si porem a pessôa—objecto d'essa paixão—cede, ella esfria e esquece.

Ainda, si alguem ousa, sem seu consento, um ataque ao seu coração—ai d'esse!—incorre em seu odio, em sua antipathia.

E' uma nevrotica.

Em sua alma faz-se o chaos, quando ella tracta de julgar as pessôas e os factos do meio real e prosaico em que vivemos.

Quer transportar para esse meio os scenarios luxuosos e fantasistas, os personagens impossiveis e illogicos, as solu-

ções forçadas e absurdas, que encontrou algures em livros que leu e que mais a agradaram.

Postas n'esse palco perante o seu espirito de observadora, todas as pessoas revelam-se actores mediocres, todos os factos se nullificam, se achatam, perdem de importancia e de originalidade.

Assim é um espirito torturado por uma *neurose* causticante, continua, insaciavel, doentia, martyrisadora...

Portanto — «concluiu rindo, cuidado, Alteza, está avisado.»

Foi sob a impressão d'essa descripção que o principe fez-se apresentar á noute ao Dr. Ribeiro e á sua gentillissima filha.

O acolhimento que lhe fez Lélia foi frio, mas cortez.

Phrases indiscretas e vagas tinham-na posto de sobre aviso.

Houve um instante, porém, em que se acharam juntos e isolados. Elle manifestou-lhe então todo o prazer que tinha em conhecê-la de perto, que a vira no Rio, e que ahi em Campos tinham lhe dito interessantes cousas, que não poderia resistir ao dezejo de lhe ser apresentado.

«Cousas interessantes?» indagou surpresa.

Oh! uma pintura terrivel que me fizeram de V. Ex^a Tanto que é timido que aqui me apresento, creia.

Imagine quem'a descreveram com um coração extranho e complexo, todo arredio ao amôr e instinctivamente desconfiado; um coração que á uma simples suspeita condemna o audacioso que pretendesse conquistal-o, e condemna-o com um odio intenso, inverosimil.

E eis porque temi que o simples facto de ser-lhe apresentado fizesse nascer em coração tão melindroso e tão facilmente hostile desconfianças infundadas...» E o principe tinha uma entonação muito levemente ironica, mas não refalsada; elle era o mais possivel sincero e franco assim fallando.

«Ora, Alteza! infamaram-me. Não sou o que dizem.»

E ella ria.

Oh! como me satisfaria que assim fosse ! retorquiu -lhe o principo fitando-a longamente.

A despedida um longo aperto de mão unio-os por um convenio tacito, nem elles mesmos sabiam si para o amôr, si para o odio...

Não viviam comtudo indifferentes ; sentiam-se dignos um do outro.

A reflexão, que veio naturalmente apoz essa primeira entrevista, convenceu-a de que convinha continuar esse romance, onde apparecia um heróe que tinha tantos predicados exigidos para esse titulo.

E depois—porque não confessal-o ? — elle a havia impressionado. Si isso a humilhava um pouco, (porque ella pretendia ter absoluta independencia de seu coração) não se lhe afigurava contudo uma desgraça irremediavel.

O que predominava era a nevrose, a busca anciosa de scenas imprevistas, o idéal no amôr,—o romance feito realidade !

Elle a havia impressionado, sim ! Não se é de balde bonito e moço e de mais a mais principe. No que ella não podia crer, porem, era no amôr d'elle. Considerava-o de uma natureza differente da sua, sem affinidades quasi como ella, talvez por sua posição, por sua educação e até por esse sotaque especial que elle dava ás palavras, que aliás pronunciava com clareza e correção.

Si elle tivesse intentado conquistal-a sem o aviso prévio que fez, encontraria, de certo, n'ella uma adversaria calculada ; mas, sem o querer, elle frustára-lhe esse plano, roubára-lhe essa arma, descobrindo-lhe o jogo, o que a obrigava a abandonar o sob pena de tornar-se vulgar, quasi ridicula a resistencia em empregal-o.

Portanto o que ella procurava por fim, o que sua natureza caprichosa anciosamente buscava era uma nova modalidade

para a manifestação d'esse amôr incipiente e nascido de circumstancias de acaso.

E já augustiava-a, como o desfecho de um drama de sensação, o epilogo d'essa historia de amôr, cujo prologo fôra essa tarde representado.

Quando se encontraram depois n'uma reunião familiar, elle n'uma delicadeza exagerada não manifestou-se mais, esperando que ella desse-lhe permissão para continuar.

Dansaram, depois elle conversou longo tempo com o Dr. Ribeiro, que o convidou a apparecer frequentemente em sua casa, «que fosse jantar domingo »

E S. Alteza tornou-se *habitué* das *soirées* do Dr. Ribeiro e com essa alma muito franca, que era a d'elle, muito communicativa passou a tratar sua adorada familiarmente: «Lélia !» E o romance proseguio intermeiado de incidentes emocionaes, que davam vida á excentrica menina.

E tanto elle occupou-lhe toda a attenção, que ella até suspendeu a leitura de uma obra de Feval em dose volumes dos quaes já havia devorado os seis primeiros.

Provocava quasi diariamente scenas de effeito que a distrahiam e o principe, que não podia ainda comprehendel-a bem, por isto mesmo mais se prendia á graça de seu semblante, onde se reflectiam as nuances variadas d'essas emoções, e á originalidade de seu espirito argúto e subtil.

Quanto a ella, ás vezes julgava amar. fazia ás vezes esforços para isso, mas n'um dado momento assaltavam-na uma frieza e um desanimo para ella inexplicaveis.

Uma occasião recusou se terminantemente a dansar com S. Alteza n'uma reunião aonde tinham ido.

Elle exasperou-se e muitos dias deixou de vel-a.

Era o prenuncio do desenlace final.

Ella o conheceu. Sentiu na atmosphera, que o envolvia, que ia se dar alguma novidade — a ultima folha de um livro, que se volvia.

Foi n'um intervallo d'uma walsa reconciliadora que elle interpelou-a :

«Lélia, deixei que o tempo corresse e que podesse pensar e que podesse me estudar...

Parece-me que pode já avaliar de meu caracter, de meus defeitos e de minhas qualidades...»

E S. Alteza, timido e tremulo offereceu sua mão de principe á humilde Lélia...

Ella córou e baixou a cabeça sem responder.

Não responde ! ouça, não exijo sacrificio. Consulte a seu coração, Interrogue-o bem.

Si me ama, porque hesitar ? si não me ama, diga-me francamente, ir-me-ei d'aqui e nunca mais me verá.»

«Mas isso é impossivel ! Bem sabe que não podemos casar nunca ! Esqueça-me, observe a sua posição e a minha.»

—Que importa a minha posição ! Desprezarei honra e fortuna, abandonarei minha familia, si fôr preciso para ficar aqui comsigo, para viver para si

Em todo o caso — porque não me responde ? Seja franca. V. me ama ?»

Ella olhou-o muito pallida e disse-lhe secca e rispida :
«Não !»

No dia seguinte muito cedo Lélia achava-se á janella, quando passou o Gouveia — o intimo do Dr. Ribeiro.

Approximou-se e disse :

«O principe partiu.»

Ella — de espantada — não creu.

«Partiu hoje, ne trem da manhan.»

Abalada, commovida, sentiu os olhos marejados de lagrimas. Era a reacção.

Nem triste nem alegre ; era um sentimento ignoto e indefinivel que a avassalava agora. Pungia-lhe uma saudade, um vacuo, mas em parte conseguira a realisação de seu ideal —

um desfecho não commum para o romance de sua vida—o primeiro de que ella tóra protogonista.

Incompleto, porem, o ideal ardentemente appetecido, porque faltava-lhe a sagração da ventura e por que elle se sentia a responsavel do que acontecera.

Estava assim na situação de um actor que representasse para si mesmo.

E hoje, passados annos, ella vememorava toda a historia melancolica d'esse amôr, e verificava —com que magoa a pungir!—que seu coração fôra aos poucos enregelando, como um volcão que depois de successivas erupções acaba por amortecer e extinguir-se.

Nem gozos, nem crenças, nem aspirações !

Era o vasio, era o escuro, o nada a povoal-o !

Em principio—o indistincto, o indefinido; n'esse terreno o romantismo—a héra perniciosa—encontrára campo vasto para prosperar, depois a cegueira, a vertigem, o illusionamente fantastico arrastaram-no, fatigaram-no, esfalfaram-no, até que sem forças, exhausto, parou.

Era um exgotado; vasio, vasio de aspirações !...

Quizera recommençar, mas a coragem faltava-lhe, a vontade mentia-lhe, fugia-lhe o vigor, o enthusiasmo dos 15 annos.

A poesia tinha se gasto ao attricto de tantas commoções e dri-se-ia que seculos haviam passado por sobre elle.

E a evocação—amarga e penosissima se tornára, ao comparar-se ella com o que fôra, e com a que podera ter sido.

E là n'um recanto de sua memoria, só lhe restava como lembrança de todo esse passado, distincta, correcta nos detalhes, expressiva no conjuncto, a silhuêta loura de seu principe, sempre a mesma, sempre inalteravel, como um bonifrate de gesso, todo colorido a tintas vivas....

Rio—Agosto de 95.

FROTA PESSÔA.

O noivo de neve (*)

I

*Da Formosa Aratanha, em cerro de oiro,
Lá, entre o céu e o precipicio, aonde
A laranjeira dá seu fructo loiro
E ergue a andiroba a sobranceira fronde ;
Lá onde sobre o vasto sorvedouro
O sol a rubra cabelleira esconde
Nasceu Rosina—a virgem feiticeira
Mais alva do que a flor da laranjeira.*

II

*Era um vulto gentil. Archanjo posto
Por Deus a terra, e que do céu descera.
A Primavera ria no seu rosto
E o seu rosto sorria á Primavera ;
Nunca a nuvem scmbria de um desgosto
Turbou-lhe a fronte—limpida chimera !—
E o céu pasmava, como a terra, ao vel-a,
De vel-a assim tão pura, assim tão bella !*

III

*Alli vivia—languida princeza—
No regaço da selva americana ;
Scismava ao declinar da natureza
Sentada junto á porta da cabana.*

(*) A idéa deste poema não é original : é oriunda dos aborigenes. Longfellow, na *Evangelina*, tambem refere-se a ella.

*Que murmurios no val, e na devesa
Na languidez da hora tardiana,
Quando pelas quebradasse prolonga
O dolorozo canto da araponga!*

IV

*Doce perfume a aragem trescalava
Beijando a flor que o calice entre-abria,
Mas seu labio gentil, quando falava,
Era um mysto de flor e de harmonia...
E a luz que da pupilla irradiava,
Doce escada de amor que ao ceo subia,
Por onde os serafins vinham cantando
As harpas de eiro tremulas vibrando.*

V

*Alli vivia, flor entre os abrolhos,
Na pureza selvatica do agreste,
Era o céo em su'alma, e, nos seus olhos
Brilhava a estrella de fulgor celeste
Alli dos perfumados magnolios
Todo o valle risonho se reveste
E assim vivia descuidada e pura
Como lympha que limpida murmura.*

VI

*Mas, um dia—Rosina, á luz d'aurora,
Vio um raio de neve na montanha
E ao vel-o, a virgem, tremula descora,
E um engenuo rubor seu rosto banha ;
E' meu noivo—exclamou—que vem agora....
Ditoso o coração que o acompauha !
Feliz quem pode amar um peito alado
Que jamais foi querido e nunca amado.*

VII

*E partio. E vagou annos e annos
Em procura da ephemera chimera...
N'alma ardiam-lhe os sonhos e os enganos
E as illusões d'ardente primavera...
Cega! em vão procurava os desenganos,
Da neve que com o sol se desfizera,
Porque para quem ama com pureza
E' sempre pura e amante a natureza.*

VIII

*Debalde perguntou ao valle umbroso
Pelo casto ideal dos seus amores,
A' sombra interrogou, ao tenebroso
Bosque, cheio de sombras e rumores.
Em torno o largo azul silencioso
Era funda ironia às suas dores...
E ella o labio calou; amargo e mudo
Era o céu, era a sombra, o bosque e tudo!*

IX

*Assim vagou na terra, a sós, no meio
Da floresta da vida indifferente;
Chegou a Primavera, o Outono veio,
E os annos se passaram lentamente.
Rosina então sentio gelado o seio,
E mirando-se a margem de um corrente,
Vio que a noite era perto, e o sol já posto
No céu como em su'alma, e no seu rosto*

X

*Fôra em vão, que tão longe! era plaga estranha
Buscava—e com que ancia!—os seus anhellos,
Pois vio que a mesma neve da montanha
Era agora pouzada em seus cabellos!...*

*Chegara o duro inverno : a noite banha
A ruina dos lemures castellos...
E ella chora por ver que a vida breve
Foge e o sonho desfaz-se com a neve!*

XI

*E marchava no trilho miserando
Quando surge um phantasma horrendo e feio
— Quem és tú ? — perguntou-lhe ella chorando,
Inda mostrando o golpeado seio.
Eis que o phantasma as suas mãos tomando
Responde, erguendo o alfange de permeio :
— Eu sou a neve transformada em goivo
Eu levo-te comigo ; eu sou teu noivo!*

ALVARO MARTINS.



ESTUPRO

I

Quando o amante querido, com um supremo esforço da coragem quasi vencida e exhausta, acabava de desprender-se dos formosos, braços que o apertavam como tentaculos de polvo contra o peito angustiado, traspassado de dôres pungentissimas, inconsolaveis, da adorada criatura que o enlouquecia, o marido aproxima-se della, olhar esgazeado, nariz adunco, bigodes assanhados, hediondo, a bufar de desejos e de sensualidade.

A infeliz creatura ainda tinha os olhos cheios de lagrymas, e o olhar todo cheio do que tanto tinha olhado no ultimo momento do derradeiro beijo. A alma soluçava ainda desfallecida com a violencia da dôr, e o pranto arrochava-lhe a garganta como alguma cousa viva que a quizesse matar.

A approximação da figura angulosa e feia do homem que ella detestava, foi brutal e estúpida. Arregassou o alvo cortinado que fechava o leito onde angustiava aquella flôr estiolada, e sentou-se estonteado, bebado de desejos, no altar sagrado do amor, onde palpitam, fremem, deliram, beijam-se as almas que se amam, na sublime communhão deste affecto luminoso e puro, com o mesmo desgarré com que um aguardentado senta-se numa cama de prostibulo. A sua mão comprida e molle fez pressão na curva do joelho, que ella tinha um pouco erguido, e arrancou de um puxão o branco lençol, que a cobria. Os soluços proromperam violentos. Estremeções nervosas sacudiam-lhe o corpo delicado e bello em contracções dolorosas e crueis. Paralisava-lhe o coração na dôr suprema da proxima immolação, que já soffria.

A volumosa cabeça do monstro cresceu, os cabellos arrepiaram-se, e a bocca aberta quasi que soltava um grito de medo! No cérebro escuro e entupido do homem passou um pensamento extranho, que lhe caiu nos nervos assombrando-o, como si alguma alma lhe tivesse falado. Suppunha que a mulher dormia.

Pouco a pouco, porém, foi-se acalmando, a proporção que o susto diminuia, e achegava-se a ella, acocorado e lugubre, no gesto de quem profana o sagrado.

A lampada empalledecia, e a claridade afrouxava, sumindo-se. O forro azul do quarto escurecia. E mais e mais o coração magoado daquella indefesa criatura se opprimia á aproximação do acto ignobil que ia ser obrigada a commetter, embora na impassibilidade e inconsciencia de uma narcotizada.

O contacto daquelle homem causava-lhe nojo como o contacto de um sapo. Parecia-lhe um grande morcego que estendia sobre ella as longas azas funebres e frias, na gula de sugar-lhe o sangue, a vida e o amor. E tinha sempre um medo tiritante, há cinco annos já que viviam debaixo do mesmo tecto, quando aquelle homem vinha exigir-lhe os seus direitos matrimoneaes, brutalmente, sem um afago, sem uma caricia, sem um pedido ao menos. Tinha-lhe asco de mulher antojada. Parecia a ella que a sua carne ficava negra, e a alma fugia-lhe do corpo naquelles momentos terríveis e dolorosos de violação.

Evitava-o sempre, com insistencia, fugia-lhe, queixando-se de muito doente; tomava remedios sem causa para melhor justificar a mentira de que lançava mão como uma necessidade extrema.

A's vezes procurava ser bôa, amante, carinhosa, jurava sacudir de si aquillo que ia anniquilando-a dia a dia, e revoltava-se contra si mesma, julgando ser uma doença nervosa aquelle aborrecimento, aquelle tedio torturante; mas não po-

dia vencer, era uma cousa instinctiva, poderosa, que a avassallava inteira, que a esmagava ! Depois arrependia-se de ter procurado um instante crear no coração doçuras para o homem que tanto a amargurava.

Era uma flôr vegetando á beira de um charco, de cujo contraste mais sobresaía a belleza, e o perfume mais avidamente sorvido por causa da impureza da lama.

E não tinha culpa de tudo aquillo a pobresinha... Deram-lhe áquelle homem, que a desejou, porque era rico, e a riquosa doirava-lhe a figura repellente e a ignorancia crassa.

Muito nova, sem ter amado ainda, sujeitou-se ao que quizeram que fizesse.

A esmerada educação que tinha não lhe déra a conhecer o que é o coração, que só se vae conhecendo nas agruras da existencia, e a sua vida, até o momento de unir-se áquelle homem, tinha sido um como viver de rosa que começa a abrir. Depois o monstro esflorou-a, sem que ella ainda tivesse aberto em flôr. Então foi que viu o fundo abysmo em que tinham-na atirado, e as lagrymas substituiram o sorriso, e a tristeza inconsolavel apoderou-se-lhe da alma, outr'ora tão alegre.

Foi nesse desalento, nesse martyrio sem linitivo, nessa noite brumosa de seu viver sem luz, que lhe appareceu a figura radiante de um sonhador, de um poeta que a adorava de longe, como uma bella creação de sua Musa inspirada. Tinha o sol no olhar, e na fronte resplandecia a aureola dos eleitos.

O primeiro encontro decidiu de uma vez do destino daquellas duas criaturas que haviam nascido uma para a outra, mas que o preconceito publico separava, entregando a mais bella, aquella sensitiva, ás unhas de um touro. A palavra vehemente, apaixonada e dôce do moço fluia-lhe dos labios numa torrente de harmonia; ella ouvia-o encantada,

e a voz saia-lhe da garganta como um preludio de passaro em claras manhãs outonaes.

Entregaram-se todos um ao outro com o despredimento e a prodigalidade dos que se amam muito.

Nem se pode dizer quem mais amava, si elle, si ella.

A vida entrou-lhe pelo peito a dentro vigorosa e alacre, e sua alma cantava, cantava... como um rouxinol extranho, sem corpo, impalpavel. Aos seus bellos olhos pisados das lagrymas voltou o antigo brilho suave e acariciador. Irrompia alguma cousa dentro em si, há muito tempo oppressa e recalçada, ella sentia-o. Era um como dique represando por muito tempo as aguas de um rio e que se rompia violentamente. E na roda intima das amigas já se ouvia o timbre sonoro de uma risada que ella ria alegremente. No entanto, de quando em quando, um estremeção violento abalava-lhe todo o corpo, e ella ficava assim num desfallecimento convulso, fechando os olhos em contracções de repulsa, abrindo-os depois, olhando com um olhar vasio de quem olha para dentro, pela imaginação, uma cousa longe.—Era a figura do marido que lhe passava por diante dos olhos como um monturo.

O seu amante, o seu poeta querido, vinha depois erguel-a daquelle abatimento dos sentidos, daquelle torpor corporeo, de novo enchendo-a de vida e de alegria.

Era, assim mesmo, um viver doloroso : e ainda mais, por ultimo, que o marido se constituiria em seu carcereiro e como que a sombra do seu corpo.

As alegrias são rapidas : é uma como infinita noite em que haja curtas intermitencias de luz. Assim, os doirados momentos de vida que ella sentia agora, tinham fataimente de ser interrompidos por qualquer circumstancia.

Elle, o seu querido, ia partir para longe, e nada lhe dissera ! talvez porque quizesse evitar-lhe até a ultima hora a dôr funda que ia ferir-lhe de morte o coração. Não queria acre-

ditar, mas os jornaes da terra diziam, diziam com saudade que elle ia partir...

Um como véo de sombra e tristeza velava-a toda.

Na ultima noite elle vestiu-se de preto para a despedida, e sem coragem, vacillante, foi seguindo indeciso.

Ella attrahia-o irresistivelmente, e, sem se aperceber, achou-se a seus pés. Sentaram-se no jardim, juntos ao tronco de uma palmeira. Esta arvore, em si, tinha, para ella, a saudade desconhecida de uma cousa longe e vaga, e por isso escolheu-a para testemunha da despedida que talvez não podésse supportar. Perfumavam levemente o ar as moitas dos jasmineiros em flôr. Trazia um vestido rôxo para bem exprimir o que sentia, talvez, ella que tanto gostava da toilette branca e azul. Os negros cabellos que sempre trazia dispostos em exquisito e original penteado, estavam desmanchados em desarranjo de dôr. Havia longas horas que o esperava soffrendo. O lenço estava embebido em pranto.

—Como vens tarde! Como me deixas scffrer abandonada na solidão desta noite terrivel!?

Perdôa-me, eu não tinha coragem.....

Mudos, abraçados num delirio de dor, de agonia e de amor, passaram longas horas em que se não ouvia um rumor, em que se percebia apenas o soluçar dorido e inconsolavel de suas almas.

Elle ergueu-se, e ella ergueu-se porque tinha os braços enlaçados no seu pescoço e não se desprenderam de inteiriçados.

Elle abriu a bocca e disse na lingua de Byron, que ella tanto amava: — *Auria, dont forget me!*

Auria, como allucinada, num beijo em que tinha toda a alma, a vida e o coração todo, por entre soluços e pranto, como as ultimas vibrações de uma harpa que expira ao longe, gemeu num suspiro estrangulado—*Omar, love me and leave me not...*

VIUVA

*Ha na amethysta roxa das olheiras
Desta bella e franzina creatura,
Um occaso de mystica doçura,
O vestigio aromal das laranjeiras.*

*Ri—esse riso angelical das freiras
Na alvorada mortica da clausura...
E, quando mira a celica planura,
Segue, chorando, as nuvens forasteiras.*

*Bella, no emtanto... pallida, vestida
De um tecido criado de martyrios
Sobre um fundo de aurora anoutecida.*

*Enchendo os olhos do pallor dos cirios
Vai, bella e triste, sepultada em vida,
Trajando a roxa viuvez dos lirios.*

RODRIGUES DE CARVALHO.



Flôr de sangue

(LENDA ALLEMÃ)

*Esta flôr de pistillo acre e lascivo
E setinosas petalas vermelhas,
Cujó perfume extranhamente vivo
Embebeda os insectos e as abelhas,*

*Tem uma historia interessante e triste,
Um poema de sonhos e negroses...
—Pranto e sorriso, quasi sempre existe
Na vida ingenua e simplice das flôres.*

*Havia uma princeza
Descendente de velhos feudalismos,
Cujá radiosa e esplendida belleza
Tinha a attracção nervosa dos abysmos.*

*Na sua tez mimosa
Ria, cantante, em flôr a primavera.
—Corpo feito de petalas de rosa,
—Alma feita de garras de panthera.*

*Era nervosa e extranha
E branca e alta e transparente e esgalga,
Chamava a attenção toda da Allemanha
Sua belleza artistica e fidalga.*

*No seu labio de nacar, contrahido
Numa expressão nervosa de ironia,
Nunca um riso de amor compadecido
Como um fugaz relampago fulgia.*

Do castello real havia perto
Um negro abysmo tetrico e profundo,
 Como um sepulchro aberto
Por sobre o mar revolto e gemebundo.

Todo aquelle que ousava erguer os olhos
Para a real e altiva creatura
Nos hiulecos e hispidos escolhos
Ia encontrar por certo a sepultura.

De toda parte principes formosos
Vinhã loucos de amor pela princeza,
Mas todos, como crentes fervorosos
 A um seu aceno apenas
Se atiravam na negra profundeza,
Como na chamma as céleres phalenas.

A' dura prova todos se curvavam
Como si fossem para os céos subindo.
 Mas elles tanto a amavam
Que a propria morte apparecia rindo.

E a princeza sentia um goso intenso
Ao ver rolar pelo despenhadeiro,
 Pelo vertice immenso,
O gentil namorado e cavalheiro.

Mas um dia, Mãesinha, a desdenhosa
Fidalga apaixonou-se doidamente
Por um pastor ingenuo das montanhas...

 Esta paixão curiosa,
 Febril e inconsciente
Fel-a passar tamanhos dissabores
 E tristezas tamanhas
Que a fidalguita enlouqueceu de dôres,

*Porque o pastor ingenuo, surdo ás queixas
Da altiva e nobre heroína,
Fazia versos e cantava endeixas,
Apaixonado de uma zagalina.*

*E lhe deram mirificos thesouros,
Palacios de amethystas e de opala,
Mas tudo desdenhou preso dos louros
abellos ondulantes da zagala.*

*A nobre e altiva dama
No mais intimo d'alma assim ferida,
Foi dos olhos perdendo a viva chamma
E da bocca a frescura enrubecida.*

*O seu corpo de marmore côr de rosa
De uma esculptura biblica e serena
Já tinha uma apparencia alva e nevosa
De uma enferma açucena.*

*Até que um dia, rindo,
Minada por tão intimo desgosto,
Num ai dorido o triste labio abrindo,
Numa tristeza jalde de sol posto,*

*Morreu como um sorriso
Nos labios roseos de uma creancinha,
E sua alma subio ao paraizo,
Batendo as azas como uma andorinha...*

*Tempos depois nascia exuberante
Sobre o tumulo branco da princeza
Um pequenino arbusto verdejante...*

E a gente viu extatica, surpresa

*Abrir-se em cada ramo uma sangrenta
Flôr de macias petalas vermelhas,
cuja essencia finissima e violenta
Embebedava, subito, as abelhas.*

*E' que esta flôr, Mãesinha, encerra um fundo
Mysterio de um amor tão ignorado,
Tão grande e tão profundo
Que foi pelos aromas espalhado.*

*Mysteriosa flôr de acre belleza
E caule de purpureo colorido,
Tu és o coração dessa princesa
Eternamente assim reproduzido.*

*Tu, Mãesinha, que as vezes a descrença
Tua fronte de lagrimas engoiva,
Sobre esta lenda pensa
Entre os teus sonhos cerulos de noiva.*

*Pensa e reflecte quanto
Inda não soffre a misera princeza
Que desfez tantos sonhos e illusões!
Se um coração fel-a padecer tanto
Imagina a tristeza
De quem soffre por muitos corações!*

THEMISTOCLES MACHADO.



O DOIDO DO CAPÉBA

A FROTA PESSOA

Eu temia-o na minha ingenuidade de criança.

Na escuridão insondável das noites pavorosas de inverno, elle passava e repassava na solitaria rua, cantando abstracto uma canção triste, e sua voz rouca echoava cavernosa, relembrando o drama tragico da noite do Capéba.

Indifferente á chuva torrencial que jorrava murmurejante, indifferente ao frio intenso que envolvia tudo, o louco esqualido levantava os braços rigidos para o ar, phantasticamente, clamando a justiça do céo contra o assassino do filho; mas a voz perdia-se na tempestade forte, na ventania que soprava ruídoza nos telhados, e mal se ouviam as ultimas palavras de seu sermão de louco:

Meu filho, meu filho!

Quem não sentia o coração magoado ante a desventura do pobre Aleixo?

II

Fôra no Capéba, a deserta moradia daquelle serra onde ouve-se o incessante golpear dos machados nas arvores seculares.

Passara festivo o tempo das safras, e os caboclos laboriosos se entregavam á bróca dos roçados.

Na maior lomba pedregosa da serra Aleixo demarcara o seu e com o filho, o robusto e logoso rapaz que lhe herdara a força muscular e disposição para os labores quotidianos, deu principio á bróca, decapitando com suas foices amola-

das os grossos galhos do *sabiá* e cantando alegremente as trovas favoritas dos lavradores serranos.

Emquanto confundiam-se as vozes do paê e do filho naquella toada rustica e dolente, reboavam nas moradias distantes os golpes das foices desgahando a matta.

Quasi finda ia a bróca, quando na hora do almoço, debaixo de um *sabiá* sombrio, o filho de Barbosa, o mais proximo visinho do Aleixo, veio intimar-lhe a suspender o trabalho, que aquella terra era sua.

Aleixo não cedeu á intimação, pois aquella terra era o unico patrimonio de seus filhos, como fora o seu, e no dia seguinte concluiu a bróca.

Sol causticante seccava as folhas murchas, e o vento, em lufadas, descopava as arvores.

*
* *

Chegara a epocha da *derruba*; arvores sem folhas, expostas ás ardentias do sol, cahiam aos golpes dos machados, que mais fortes resoavam nas escarpas da serra como um insulto atirado á face dos Barbosas.

Nova intimação teve a mesma resposta negativa.

Aleixo era corajoso e o filho animava-o sempre, cantando indifferente aos golpes repetidos de seu machado nos troncos resequidos das arvores seculares.

Finda a derruba, um montão de garranchos substituiu a sombria frescura daquella matta, onde mal penetrava o sol, que agora a dominava em toda sua plenitude de forte.

*
* *

Dia a meio, em plena calmaria; é a hora da queima dos roçados: nuvens de fumo negras rolam no espaço; Aleixo descança, o filho ao lado contempla absorto a fumarada escura que sobe de um roçado distante.

IRACEMA

De repente soltam uma exclamação de espanto, e linguas de fogo sinistramente fendem o ar no aceiro do roçado, e rapido o fogo, em labaredas crepitantes, percorre o quadro aceirado ; na passagem subita das chammas, lambendo as rochas, vultos negros de homens de forcado em punho pulam no solo incandescente.

Aleixo comprehende n'um relance o golpe que o fere e, calmo, acalma o filho que mal consegue reprimir a colera.

E quando as ultimas labarêdas morrem, elles seguem, aparentemente calmos, o caminho do roçado.

Tudo fora devastado, somente de espaço a espaço, d'entre a cinza negra, como fogos fatuos, se levantam, agonisantes, frouxas chammas ensanguentadas, tremulas, feridas pelo sol.

Fôra rapida a vingança dos Barbosas. O vento da tarde ga'gando a fralda ondulante da serra, levanta a cinza em redemoinhos, e os troncos das arvores cahidas, ardendo a fogo lento n'uns estalidos vibrantes, desfazem-se em brazidos que o vento despersa.

III

Já o Jaguaribe exhala a fumarada precursôra dos bons invernos saudando a passagem das nuvens grossas, e á noite, nas quebradas longinquas da serra, a sericoia canta, presagiando chuvas proximas.

As nuvens passam baixas, pesadamente cheias, volteando os pincaros mais altos, como magnetisadas, e nas azuleas grimpas d'alem, como um véo movediço, a nevoa enrosca-se bizarra.

Serranos encabam as enchadas para o plantio das primeiras chuvas.

O inverno chega ; chuvas torrencias ensopam a terra ; todas as arvores brotam, e as tenras folhas alacres, na sua pequenez de recém — brolhadas parecem tirar da somnolencia do sol que surge frouxo, como cansado da eterna lida.

CENTRO LITTERARIO

em confusão move n-se no espaço como um mar agitado.

Em todas as lombadas echoam gritos de serranos na planta dos roçados, cavando a terra humidecida, enquanto as nuvens chuviscando passam como aguadores collossaes, borrifando a serra.

Aleixo, passo a passo, levanta e desce a enchada abrindo as covas em symetria caprichosa, e o filho, após semeando, fecha-as arrastando o pé cadenciadamente.

A gritaria continua em algazarra atroadora até que se abrem as nuvens n'uma chuva copiosa alagando tudo.

Vem a noite e o frio enregelante estende-se entorpecendo os nervos dos laboriosos serranos que procuram o conchego morno do lençol de fio-lasso.

No outro dia, quando mal os raios do sol feriam levemente a orla do talhado do Pôço d'anta, a ultima intimação do Barbosa não foi attendida.

*
* *

Passa-se um mez de inverno sem treguas; as plantas viçosas crescem precoces em avenidas, enfileiradas, lombada acima.

Aleixo entre as fileiras, o contentamento a mostrar-se-lhe no rosto bronseado, canta alegremente as trovas favoritas dos lavradores serranos, ouvindo o reboiço do vento nas longas folhas do crescido milho..

IV

Passou a temporada de invernia brava; é o bom tempo da primeira limpa; o sol desperta vivaz sobre a serra friorenta, numa alacridade salutar de luz.

Os nevoeiros passaram; somente uma nuvensinha branca, como uma selenose, paira no azul limpido do céu.

Aleixo e o filho despertam, como o sol, vivases, recebendo em plena face, seus raios beneficos de tepidez sadia.

IRACEMA

Enchadas aos hombros, seguem prasenteiros o caminho tortuoso do roçado, descuidosamente, passando as pernas meio-núas nas pequenas moitas orvalhadas, ou pulando de pedra em pedra, declive abaixo, ladeira acima.

De subito um quadro pungente se lhes apresenta aos olhos e esbarram estupefactos.

Todo o roçado devastado; todas as plantas cahidas, raizes fóra, como se a mão possante do furacão tivesse revolvido tudo, e o calor d'aquelle sol desperto não podéra avivar-lhe as folhas murchas.

Nenhuma passara incolume á devasta infrene, e o suor de tantos dias derramado no trabalho honrado, o esforço heroico consumido ali, a esperança alimentada a tanto tempo, tudo perdido; a esperança, murcha como aquellas folhas murchas; a phantasia doirada de seus sonhos; o unico idéal talvez o ultimo arrimo, sacrificados numa noite só, á vingança absurda, estúpida, de um inimigo traidor. O que lhe restava mais?

A indigencia no futuro virá erguer-se aterradora como espectro sinistro a humilhar-lhe a existencia; a fome e a nudez invadindo-lhe o lar com seu cortejo hediondo de mortificações.

Todo esse quadro tragico passou-lhe pela imaginação exaltada, como uma nitida téla de cosmorama, numa rapidez electrica.

O que lhe restava?

Morrer ou matar, foi o pensamento de Aleixo.

Rustico, não sabia comprehender outra vingança senão a morte, o assassinio, e sem pensar nas consequencias talvez desfavoraveis dessa vingança barbara, que idéalizava, calouse, afagando-a intimamente.

Não pensou que acima da justiça por suas proprias mãos havia outra mais justa e menos barbara.

Viu em tudo a mão vingativa do Barbosa, ferindo-lhe impiedosamente, barbaramente, e um tremor convulso de deses-

CENTRO LITTERARIO

...o agitou-lhe o corpo; nos olhos sanguineos lia-se a colera, que o possuia todo; emmudeceu e como allucinado olhava o filho.

Este, menos sensato, vociferava desesperadamente, gesticulando e pulando entre as rochas ponteagúdas, volteando a enchada em torno da cabeça, incitando-o á vingança.

Aleixo perdeu a calma, que sempre o acompanhou nas desgraças e solemne, como a estatua do desespero, jurou tomar uma terrivel desforra.

V

Meia noite; plena solidão na serra frigida, em trevas; o vento sopra nos palmeiaes da encosta, torcendo sussurrante as longas palhas verdes, e na choupana erma do Barbosa, passa furioso no enchamel do oitão e interna-se lamuriante no tabocal d'além.

Fóra a escuridão é profunda; espessos nevoeiros passam chuviscantes, em sequito continuo, levados pelo vento e na choupana onde há murmúrios de vozes baixas, que a ventania protege soprando ruidosa, uma luz vacilla agonisante.

A noite avança e o frio tiritante augmenta. á orvalhada farta; tudo parece dormir ao aconchego dos recantos mornos, mas o Barbosa vela, fumando pensativamente no longo cahimbo de barro queimado.

Um pres:entimento mau paira-lhe no espirito e ao menor ranger da derreada porta aos empurrões do vento levanta a cabeça pensativa.

Advinha o temeroso espirito.

De repente ao estalo de uma pancada forte abre-se em bandas a antiga porta; a ventania invade impetuosa apagando a luz, e na profunda escuridão da pequena sala dois vultos pulam rapidos de foice em punho e um grito agudo estrondeia unisono alarmando tudo.

Aleixo e o filho recebem firmes o primeiro embate e as foices crusam-se mortíferas, faiscentes, n'uma luta diabolica

IRACEMA

de insania doida; ferem-se golpes atoa, tudo estremece e range ao choque das foçadas livres.

Gritaria horrivel, imprecações maldictas ferem o espaço.

E subito cahe um corpo pesadamente e ao choque surdo succede um gemido de estrangulado; faz-se o silencio e um pavor religioso invade os combatentes estenuados.

Ante o corpo invisivel na escuridão intensa ficam perplexos, um chama o filho, o outro chama e ninguem responde.

O terror augmenta, e elles os velhos que não temeram os golpes formidaveis das foices, recuam, tremem, vacillantes ante o reconhecimento do filho moribundo.

Outro gemido succede ainda e Aleixo reconhecendo o filho cahe soluçando sobre o corpo ensanguentado.

Lamentações pungentes; maldições hediondas; mil imprecações de desespero; rugidos de mar em furia; soluços convulsivos sahem-lhe do peito dolorido n'uma raiva de hydrophobo.

Vem-lhe de novo o instincto da vingança, procura os inimigos pelo vacuo escuro e nada encontra; estes fugiram no momento extremo, no de enlace fatal da tragedia selvagem.

Aleixo estenuado, ao peso da amargura, consecuencia destovoravel da vingança que ententara cahe pusilanime ao lado do filho, já cadaver.

*
* *

No outro dia sepulta o cadaver mutilado do filho e com o ultimo punhado de terra que arremessa, foge lhe a rasão e o seu ultimo lamento é uma gargalhada de alienado.

Desde então a lembrança do fim tragico do filho atrophia-lhe o espirito e louco na solitaria rua, nas noites de invernia brava passa cantando uma canção triste, e sua voz rouca perde-se na ventania soprando ruidosa nos telhados e mal se ouvem as ultimas palavras de seu sermão de louco:

Meu filho, meu filho!!

SOARES BULCÃO.

Ballada :

A' que amo

*Era uma noite serena
Eu andava a beira mar,
Minha alma — rozea phalena
Scismava em ti ao luar.*

*Embalavam brizas mansas
Os sonhos mansos do ar,
E os astros como esperanças
Palpitavam ao luar.*

*Como brancas borboletas
Somnolentas sobre o mar
Passam velas inquietas
De jangadas ao luar.*

*Nuvens brancas, como lenços,
Semelhavam pelo ar
Marmores brutos suspensos,
Leves, soltos ao luar ;*

*Ou fumaças perfumadas
Buscando o azul sobre o mar
Lentamente espiraladas
Da caçoula do luar.*

.....
*Minh'alma, rozea phalena,
De olhos immersos no ar,
N'aquella noite serena
Scismava em ti ao luar.*

IRACEMA

*Scismava nos teus cabellos,
Scismava no teu olhar,
Si eu, então, pudesse vel-os
Esqueceria o luar.*

*E ao scismar no teu sorriso
Imaginei-me a vagar
N'um florido paraizo
Inundado de luar.*

*Scismava... Subitamente
Fui arrancado ao scismar
Uma guitarra dolente
Preludiava ao luar.*

*Olhei. De pé n'um rochedo
Um vulto fitando o mar
Ia cantar em segredo
Suas maguas ao luar.*

*Notas claras do instrumento
Rolavam calmas no ar,
Cazadas ao sentimento
E á voz do vulto ao luar.*

*Minh'alma-rozea phalena—
Fechou-se um pouco ao scismar
Ouvindo absorta, serena,
Este queixume ao luar:*

*« A clara luz de meus olhos
Roubaram sem compaixão;
Por densas brumas e escolhos
Tacteia meu coração.*

LENTRO LITTERARIO

« Minhas brancas alegrias
Tenho-as visto emmurchecer,
Vae-se o sol todos os dias
Triste de as não reviver.

« Luar que escutas meus cantos
Inspirados pelo amor,
Embalsamados de prantos,
Como de orvalho uma flôr,

« Si sabes d'essa creança
Por quem eu canto a chorar
Conta-lhe a minha esperança
De ainda um dia a encontrar.

« Conta que sem seu carinho
Acho a vida triste e vã,
Sou como um pobre ceguinho
P'ra quem não ri-se a manhã.

« Conta a seus candidos olhos
Que vivo em pranto a cantar
Caminhando sobre escolhos
E sem podel-a encontrar...

.....
Perdeu-se a queixa. Tristonho
Foi-se o vulto a soluçar,
Como um phantasma, que em sonho
Fosse fugindo ao luar.

Minh'alma—rozea phalena
Voltou de novo ao scismar
Té que vieste serena
Adormecel-a ao luar.

TRACEMA

*Hoje surgem-me outros prismas,
Não vou mais a beira mar;
Fugiste, Flôr, minhas scismas
São tristonhas, sem luar.*

ANNIBAL THEOPHILO.



Laranjeira

(THEMA DE UM CONCURSO)

A Arthur Theophilo.

Muniz de Castro ou simplesmente Laranjeira, nesta noite fresca de estio, adormecera no sophá da sala, pelas oito horas e despertara agora, a meia noite.

O vento secco e forte fazia um chiado atroador no coqueiral do sitio visinho e nas altas palmeiras do jardim da xacara.

Lá fora, na rua, luzia uma pequena chamma vermelha e bem visivel; era Abrahão, o criado, que fumava passeando na calçada.

Laranjeira chamou-o; ordenou que fechasse as janellas da sala e foi lentamente, abafando o rumor dos passos, para seu quarto, que ficava muito atraz, com porta e janella para o oitão.

Quando entrava, o vento abriu as bandas da janella e desprendeu as novas banbinellas de cretone, que por alguns segundos fizeram fortes estraladas, de bandeiras desfraldadas no mar...

II

Antes de deitar-se Laranjeira esteve largo tempo pensativo, fitando os moveis, os quadros e a tudo...

A luz do gaz baixa e tenue, batendo n'uns tremulos flocos de seda das brancas cortinas do leito, soltas, ia desenhá-os

IRACEMA

negros e dansantes, em um grande quadro, representando uma passagem gloriosa das Valkirias de Wagner.

Laranjeira lançou um olhar somnolento e demorado, n'uma scena sangrenta desenhada n'um tapete oriental; desceu as palpebras, grossas, pesadas e adormeceu tranquillamente.

III

Laranjeira havia chegado neste mesmo dia da America do Norte, onde livremente passeou alguns mezes, e estava hospedado na mais aprasivel xacara do Bemfica, que lhe pertencia e em que morava, ha dois annos, seu velho e bom amigo Alvaro de Braga.

Achou agora este recanto da cidade de uma belleza rustica e agradavel. . .

Declarou que, ha muito, desejava morar n'um retiro assim.

— Vinham-lhe recordações do bom tempo, dizia, que não valiam a pena vir á mente n'outros logares, como em Paris, New-Iork. . .

Alvaro contou, então, que estava resolvido a sahir d'alli, porque contavam, e effectivamente era real, que tanto os moradores como os donos daquella xacara tinham sido homens de fortuna e que todos haviam morrido lamentavelmente pobres.

Por elle, não, que o tempo lhe não sobrava para pensar nisto, mas por causa de Sinhá, sua esposa, prima de Muniz de Castro, que lhe vivia impacientemente a pedir todos os dias. Tentava sempre desvanecel-a, mas Sinhá era irrisistivel. . . Acreditava no facto e temia. . .

IV

Laranjeira tratou logo de vendel-a. . . Daria até pela metade do valor se não achasse quem mais desse.

Alvaro foi morar no centro da cidade; Laranjeira no secco e ventilado Oiteiro.

Laranjeira

(THEMA DE UM CONCURSO)

A Arthur Theophilo.

Muniz de Castro ou simplesmente Laranjeira, nesta noite fresca de estio, adormecera no sophá da sala, pelas oito horas e despertara agora, a meia noite.

O vento secco e forte fazia um chiado atroador no coqueiral do sitio visinho e nas altas palmeiras do jardim da xacara.

Lá fora, na rua, luzia uma pequena chamma vermelha e bem visivel; era Abrahão, o criado, que fumava passeando na calçada.

Laranjeira chamou-o; ordenou que fechasse as janellas da sala e foi lentamente, abafando o rumor dos passos, para seu quarto, que ficava muito atraz, com porta e janella para o oitão.

Quando entrava, o vento abriu as bandas da janella e desprendeu as novas banbinellas de cretone, que por alguns segundos fizeram fortes estraladas, de bandeiras desfraldadas no mar...

II

Antes de deitar-se Laranjeira esteve largo tempo pensativo, fitando os moveis, os quadros e a tudo...

A luz do gaz baixa e tenue, batendo n'uns tremulos flocos de seda das brancas cortinas do leito, soltas, ia desenhá-os

IRACEMA

negros e dansantes, em um grande quadro, representando uma passagem gloriosa das Valkirias de Wagner.

Laranjeira lançou um olhar somnolento e demorado, n'uma scena sangrenta desenhada n'um tapete oriental; desceu as palpebras, grossas, pesadas e adormeceu tranquillamente.

III

Laranjeira havia chegado neste mesmo dia da America do Norte, onde livremente passeou alguns mezes, e estava hospedado na mais aprasivel xacara do Bemfica, que lhe pertencia e em que morava, ha dois annos, seu velho e bom amigo Alvaro de Braga.

Achou agora este recanto da cidade de uma belleza rustica e agradavel. . .

Declarou que, ha muito, desejava morar n'um retiro assim.

— Vinham-lhe recordações do bom tempo, dizia, que não valiam a pena vir á mente n'outros logares, como em Paris, New-Iork. . .

Alvaro contou, então, que estava resolvido a sahir d'alli, porque contavam, e effectivamente era real, que tanto os moradores como os donos daquella xacara tinham sido homens de fortuna e que todos haviam morrido lamentavelmente pobres.

Por elle, não, que o tempo lhe não sobrava para pensar nisto, mas por causa de Sinhá, sua esposa, prima de Muniz de Castro, que lhe vivia impacientemente a pedir todos os dias. Tentava sempre desvanecel-a, mas Sinhá era irrisivel. . . Acreditava no facto e temia. . .

IV

Laranjeira tratou logo de vendel-a. . . Daria até pela metade do valor se não achasse quem mais desse.

Alvaro foi morar no centro da cidade; Laranjeira no secco e ventilado Oiteiro.

N'uma chuvosa noite de Março, Laranjeira recolheu-se aborrecido á sua moradia do Oiteiro, muito tarde, por ter estado, contra vontade, n'um sarau que dera Doutor Alcantara, um notavel engenheiro, mui querido e sympathisado...

Laranjeira, embora não gostasse do Doutor Alcantara, tinha muita amisade á sua esposa, Sarah, que era sua prima...

Ella a tardinha, encontrara-o, passeando sem destino pelas ruas, e a muito custo conseguiu leval-o para sua casa.

—Precisava falar contigo particularmente, disse ella.

Andas agora macambusio, preocupado... E sorriu maliciosamente.

Laranjeira comprehendendo, tentou, atrapalhado, contestar, porem, Sarah fel-o calar, declarando que vinha da casa do Snr. Miranda onde fora para—lhe ser util,—e accentuando bem este—lhe ser util,—convidar Rosina...

Laranjeira corou e murmurou tutubiando :

—Tanto melhor... Embora ella não me veja...

—Has de ser bastante feliz, hoje, garanto...

Realmente, Laranjeira fôra bastante feliz esta noite, mas desejava antes não ter sido por um motivo simples e explicavel.

Para amar, como a prima queria, a bella Rosina, era preciso esquecer Mathilde, deixando de frequentar sua casa, o que achava impossivel fazer.

Sentado em seu gabinete, entre duas cadeiras desoccupadas, vasia, imaginou ver, de um lado, Rosina com seu amor casto, ingenuo e romantico; de outro Mathilde alegre, turbulenta, mostrando entre as rendas da camisa suas carnes exuberantes e brancas...

Qual devia preferir?

IRACEMA

Opinou pela segunda ; mas lhe veio logo tumultuamente, em ondas para a mente, a ideia de que era perigoso e atrivido amar uma mulher alheia . . .

E vendo su'alma embrenhar-se nos lupanares antigos que em algum tempo achara estupidos e torpes disse em voz baixa fitando o chão :

—Que importa ! . . . Nada mais vil e repugnante do que viver uma pessoa sem receio . . .

Quiz suspender a phrase, mas já estava irremediavelmente solta.

VII

O criado veio previnil-o que o cavallo estava selado.

Laranjeira vestido de branco foi dar seu passeio habitual pelas ruas. As nuvens brancas deste dia ainda não haviam deixado o sol mostrar sua cara rutilante.

Passando pela casa do Doutor Alcantara, Laranjeira fez parar o cavallo e apeiou-se . . .

Entrou familiarmente, indo encontrar Sarah, no jardim, sentada n'um banco tosco de madeira, lendo um romance de Loti.

Simplesmente vestida, estava encantadora.

Laranjeira fitou com avidez seus olhos pretos e grandes . . .

Aquelles bellos olhos lhe deram muitas voltas outr'ora ! . . .

Estavam passíveis, passeavam calmos e ciosos pela seu perfil correcto.

Estiveram calados um curto espaço de tempo. Laranjeira finalmente falou :

—Passei uma noite má . . .

Sarah sorriu ; mandou-o sentar-se ao pé de si e declarou que Alcantara não estava em casa . . . Si o primo quizesse podia passar o dia comsigo . . .

Os olhos de Sarah se iam tornando mais vivos e trefegos.

Laranjeira, não tendo o que dizer, repitio que tinha passa.

CENTRO LITTERARIO

do uma pessima noite; ella em sua garrulice natural disse que sempre o conhecera assim.

—Lembras-te quando gostavas de mim? murmurou. Todas as tardes me dizias isto...

E immediatamente para não desgostal-o:

—Casa-se ou não com Rosina?

—Si assim queres...

Brincaram *ingenuamente* todo dia... Laranjeira sahio convencido de que se devia casar com Rosina.

VIII

Muniz de Castro pertencia a uma familia rica e nobre do sertão do Ceará, que as grandes questões politicas, e a seca de 1877 derribara de uma forma deploravel.

Laranjeira passara modestamente a sua adolescencia como empregado do commercio.

Ao completar vinte e um annos um sopro suave de felicidade bafejou-lhe a vida:— cahio lhe ás mãos um premio de cem contos d'uma loteria da Bahia.

Foi então que comprou a velha xacara do Bemfica, que pertencera á sua familia. Nella habitou alguns mezes, só, no inverno, entre romances e versos...

Tendo de fazer uma longa viagem pela Europa e America do Norte, deixou morando nella Alvaro de Braga a quem devia muitas attenções. Este tornou-a digna de si; deu um ar pitoresco e nobre ao jardim da frente, que ficou um primor de arte.

Quando Muniz de Castro chegou de sua longa viagem vendeu-a a um capitalista paraense que, doente, veio residir no Ceará...

IX

Saluta, ó Satana

O forza vindice

.
Della ragione.

TRACEMA

—Já és poeta, primo, murmurou Sarah vendo-o tão alegre, cantando.

—As vezes... Quando estou perto de ti...

—Olha o Alcantara... Vê que elle não é como aquelle malandro da Mathilde... Laranjeira poz o dedo á bocca e murmurou imperiosamente como a uma criança:

—Silencio! Não quero que falas nestas cousas...

Laranjeira vinha combinar o dia de seu casamento, que ficou marcado para o ultimo sabbado de Abril.

E foi neste mesmo dia, a tarde, passeiar no Bemfica.

Passando devagarinho, saudosamente, pelos logares arborizados, sentia uma inveja longa, infantil, das inspirações felizes de Rolinat, sobre a natureza e a vida dos camponeses...

Voltou destrahido ora olhando o nublado céu da tarde, ora admirando a viva alacridade da folhagem nova e verde de inverno.

Laranjeira morava no Oiteiro por conveniencia.

—Não podia apreciar, dizia, aquella paizagem sem vida e sem graça... De um lado, ao longe, morros brancos de arêa... Em frente o mar, sempre verde e bravo... De outro lado o centro da cidade, que, quando vinha crepusculando o dia, tinha uma tristeza profundamente dorida e pezada...

X

Quando se propalou pela cidade a noticia de que Rosina se ia casar com Laranjeira, muita gente murmurou invejosamente:

—Coitado! Um bom e bello rapaz... casar-se com aquella bruxa que tantos escandalos fez com o Moreira...

Outros diziam o contrario:

—Pobre Rosina tão bôa menina ir casar logo com quem?!... Com aquelle typo pedante, tolo, que diz a todo mundo, ter dez amantes em Paris, Estados Unidos, outras

Rio de Janeiro e que namora escandalosamente com Mathilde do Ambrosio. Rosina não era sympathizada por muita gente, por causa de sua altivez fingida, que lhe ficava bem.

Tinha um defeito para as mulheres : preferir estar entre os homens. Não sabia amar seriamente a uma pessoa, porque achava isso bestial e romantico.

Queria cazar com o Laranjeira, mas não lhe tinha amor de especie alguma ; achava-o simplesmente um rapaz correcto e digno de ser seu esposo.

XI

Muniz de Castro resolveu fazer uma viagem pelo norte da Europa e partiu.

XII

Depois que Laranjeira partira, Rosina, concentrada, nunca mais abriu as janellas de sua casa ; abria simplesmente uma das bandas da porta e fechava muito cedo, a ponto de dizerem que parecia uma casa onde havia morte. . .

Infelismen e, cahiu doente. Mandou chamar um medico ; veio o Doutor Lima ; ella tratou-o como elle pareceu merecer. . .

O Doutor Lima achou no seu olhar benevolente e sincero alguma cousa de mysterioso e de bello ; sentiu-se preso.

Suas visitas, contra vontade de Rosina, se tornaram frequentes.

Pouco a pouco elle foi tomando uma liberdade, que Rosina, impaciente, aborrecia. . .

Queria todos os dias escutar no peito, sua respiração, que por causa da doença prolongada se tornava, naturalmente, cansada, alegando que a molestia podia atacar os pulmões.

Ella corava e tremia ao sentir o seu contacto que achava repelente ; abria pouco a grossa camisa de flanela para que elle não visse o que desejava ver : seus brancos e tumidos seios. . .

IRACEMA

Não lhe dizia nada porque temia algum escandalo...

XIII

Tranquillo e saudoso voltara Laranjeira de sua longa viagem... Ao entrar em casa por uma noite luarenta de Dezembro sua alma transporta-se ao mais fundo abysmo de loucura, por ter encontrado, sua esposa, sobre o leito d'alcova, nos braços de um medico que conhecera outr'ora na xacara do Bemfica, o Doutor Lima; elle escandalosamente murmurava:

—Meu amor! Meu amor!...

Laranjeira parou de subito na porta meia aberta, e deitou sobre ambos um olhar mortifero e feróz; ficou alguns rapidos segundos hamleticamente immovel...

Rosina desmaiou ao primeiro relancear de vista duro e assustador do misero marido; o trahidor conhecendo-o quiz fugir, quando um tiro de revolver, dado por Muniz de Castro, deitou-o immediatamente morto.

E ainda fulminado pela colera brutal, sacou, rangíndo os alvos dentes, seu fino punhal de prata e cravou uma, duas, trez... cinco vezes no peito lacteo da esposa... Correu espavorido, como louco, á casa de Alvaro de Braga.

XIV

Alvaro no gabinete, tendo uma criança entre as pernas, lia um romance de Zola, que por acaso lhe viera ás mãos quando vê, de repente, entrar esguedelhado, sem chapeu, seu bom amigo Muniz de Castro.

—Oh! amigo, o que succedeu? O que foi!... Falla!...

Mas, elle mudo, tremulo, tentando falar, poz a mão sobre a fronte; cahiu sem força, pallido, exhausto, sobre uma cadeira de estofo e com o cotovello pousado sobre uma das pernas, a fronte apoiada sobre a mão gelida, começou a chorar perdidamente.

Era a primeira vez que, depois de sua adolescencia, chorava...

CENTRO LITTERARIO

do um... Falla... Dizia Alvaro sentindo um arrepio
q' terror correr-lhe por todo o velho corpo...

—Impossivel!... Impossivel!... murmurou Laranjeira,
levantando-se e gesticulando, para seu amigo como si
quisesse esmurral-o. E n'um supremo esforço:

—Sabel-o-has depois...

D'ahi a momentos é preso sem menor resistencia e con-
dusido ao Posto Policial; pela manhã é escoltado á cadeia
publica estremunhado, com odio e espanto da população in-
teira da cidade.

XV

Os trez primeiros dias, na prisão, foram para Laranjeira
vagos, impossiveis, mysteriosos.

Elle não sentia remorso, não sentia saudade; o que sen-
tia as vezes era um odio poderoso á vida e a tudo...

XVI

Passavam lentamente os tormentosos dias de odio. La-
ranjeira tinha instantes em que pensava lucidamente.

Leu os jornaes que noticiaram o seu crime; a maior par-
te delles chamavam-lhe innocente porque, diziam, não con-
sideravam criminoso um homem, que defendia sua honra...

XVII

Agora era uma duvida implacavel que lhe gritava n'al-
ma:— Rosina teria sido forçada? interrogava. Parecia as
vezes acreditar que sim, quando não acreditava duramente,
convicto, que não.

—Oh! aquelle olhar de terror e medo...

Podia ter sido prudente pensava, e então um remorso
cruel, indomavel, cahio sobre elle á noite; elle julgava ouvir
no rugir continuo do mar, proximo, um suspiro prolongado
de uma innocente nos humbraes da morte... Recordava-se
que Rosina lhe falara uma vez, com repugnancia e aborre-
cimento, que aquelle homem depois de uma valsa, dansada

Nisto
comsigo, no peito.
mente. Talvez escuou; ia
alluzões a si. . .

Laranjeira, nestas
mulher para chorar, por
funda ironia e sarcasmo par
çava um riso amargo e convul

XVIII

Nas grades de ferro da prisão, como um criminoso vulgar, Laranjeira punha-se a esperar alguém. . .

Poucos lhe davam o prazer d'uma palestra. . .

Dissera Alvaro, ha poucos dias, que Sarah prometera visital-o por uma tarde d'aquella semana.

Laranjeira esperava-a na grade; quando a tarde ia avançando elle murmurava impaciente:

—Sarah que não vem! . . . Porque? . . .

Ideias terriveis lhe vinham a mente, tornando irregular o pulsar forte do coração, outr'ora sonhador e feliz, hoje abandonado e triste. . .

Chegava aos seus ouvidos, mais forte, ao cahir da noite, o marulhar eterno do oceano.

E punha-se a passeiar violentamente pelo quarto estreito murmurando de quando em vez:

—Aquella mulher que não vem! . . . Aquella mulher que não vem! . . .

XIX

Agora no sobrado da cadeia, por se achar doente, o isolamento era mais fundo e mais tristonho. . .

D'ali via com um tedio rancoroso, muito longe, o tecto da casa onde matara um homem indigno. . . e dizia pensativo:—uma mulher talvez innocente. . .

E quando cahia sobre a cidade o languido pallor da tarde, cahia sobre elle uma tristeza longa de camara mortuaria. . .

CENTRO LITTERARIO

... Falla... Dizia... o impacien-
do terror correr-lhe por todo o corpo.

—Impossivel!... Impossivel...
levantando-se e gesticulando,
quisesse esmurral-o. E n'um sol, pela manhã, Laranjeira

—Sabel-o-has... pois... de um sonho terrivel que
D'ahi a... pensou... e não vio nada.

... como... se imediatamente, e descal-
ço, deu alguns passos certos pela sala, indo logo de en-
contro a uma parêde.

Voltou, tremulo e tacteante, para o leito. Pensava que fosse ainda noite.

Riscou um phosphoro, sentio a quentura da luz, mas não a via... Pensou duvidosamente que estava cégo, e começou a olhar desvairadamente para cima, para baixo, para um lado, para outro...

Depois, mais calmo, se pôz a escutar. Nada ouvia. Visionado, pensou estar no fundo de uma caverna, onde não chegava a luz do dia.

Fugio a visão... Larangeira remechia-se no leito e fazendo mil movimentos com a cabeça doidamente, perguntava:

—Porque não ruge o mar? Porque?

Compreendeu então que estava cégo e surdo...

Agitado, sentindo estremecer-lhe as carnes, deante este implacavel destino, Larangeira principiou nervosamente a murmurar cousas incoherentes...

XXI

Passaram-se dias. Uma fresca e nublada manhã de chuva, Larangeira despertou, pelas onze horas; levantou-se e deu alguns passos, julgando ser alta noite. Pela primeira vez lhe veio a mente a ideia de fugir.

Já ouvia alguma cousa.

Andando pela sala, tacteante, timidamente, pensou: os guardas talvez estejam dormindo ou destrahidos e não me

vejam fugir. Nisto
mente no seu peito.

Laranjeira recuou; ia
o gaz, quando lhe veio de
que estava cego.

Voltou tremulo para o leito, m
louco:

—Abre-me os teus braços, oh morte
braços!...

Já ouvia, embora muito pouco, o rugir intermin

Escutou um instante e depois disse friamente:

—Ah! eu queria antes estar surdo ainda!... e fic
eternamente...

XXII

Começaram a cair, aos poucos, do desconhecido, cousas
que provavam a fidelidade de Rosina.

Recordava-se que em uma das suas ultimas cartas, Rosi-
na lhe falara timida e receiosa «que andava sendo perse-
guida.»

Só agora é que elle comprehendia; só agora é que elle
prestava attenção áquellas palavras.

E assim se foram passando os longos dias de isolamento
da prisão...

XXIII

Um dia pensou na decisão do jury.

Talvez sahisse livre, reflectia... Mas de que lhe servia a
liberdade? De que?

—Acham os jornaes que eu sou innocente... murmurou
descrente, alisando as barbas crescidas de tres mezes...

XXIV

Caminhavam lentamente os longos dias de tristeza e
abandono...

A' barra do jury, por um dia quente e abafado de Março,

— Já... Falla... Dizia... o juiz interroga indifferente, o terror correr-lhe por todo o corpo.
— Impossivel!... Impossivel!
levantando-se e gesticulando avidamente lança um olhar em quem quisesse esmurral-o. E as faces pallidas, cadavericas, — Sabel-o-has... sangue, com espaço extraordinario, D'ahi a...
... sido ao... Uma mulher...
ço, deu algem as pernas e elle tenta suster-se, levantando os braços, mas uma força bruta curva o magro corpo;
Volte a luz dos olhos, já sem brilho; silencio em tudo; fôrça extenuada, sem força, cahe lentamente, morto, fazendo um ruido cavo e doloroso no pavimento da sala. Um borburrinho de pavor e susto corre nos espectadores inquietos...

Ceará—Março—1896.

J. CARNEIRO.



LAGE

[RICHEPIN]

*Nossos males choremos, todos nós.
Uma lagrima tombe, outra depois.
Que choras tu? Teus lares tão queridos,
teus paes ausentes, tua norva amada.
E eu? Minha existencia dissipada
em votos fementidos.*

*Nossos males choremos, todos nós.
Uma lagrima tombe, outra depois.
Lancemol-as no mar, pallidas rosas!
A cada um de nós que se lamenta
elle responderá pela tormenta
das ondas marulhosas.*

*Nossos males choremos, todos nós.
Uma lagrima tombe, outra depois.
Augmenta assim o fluxo do mar,
que mais espesso e lugubre apparece,
si n'elle, a nossa raça, ha tanto, vê-se
o seu pranto entornar.*

*Nossos males choremos, todos nós.
Uma lagrima tombe, outra depois.
Talvez, tu mesmo, ó mar, triste, que tanto
tens o gosto de lagrima salgada
sejas tambem da terra inconsolada
o seu amargo pranto.*

Guaramiranga, 20—10—1895.

ALVES LIMA.

GRAPHICAS

, por Clovis Bevilaqua, lente cathedra-
comparada na Faculdade de Direito do
ne, Livraria Contemporanea, 1896.

ro do operoso e erudito escriptor cearense fez-nos
, pelo titulo e pelo assumpto, o precioso trabalho *Direi-
Familia*, do Conselheiro Laffayette, e que tanta nomea-
grangeou. E sentimos, á simples leitura das *Palavras
Iniciaes*, um certo receio e sobresalto, vendo, vis-á-vis — ao pre-
claro jurisconsulto mineiro, gloria das lettras nacionaes, o
joven e modesto escriptor cearense, orgulho da nossa peque-
na patria.

Felizmente, porém, a leitura do livro restituiu-nos a regu-
laridade do rithmo ao coração e toda a calma ao espirito,
e deu-nos a segura convicção de que o Dr. Clovis Bevilaqua
está destinado a honrar as lettras juridicas no Brazil como
um dos primeiros jurisconsultos da Republica.

O seu *Direito da Familia* é uma obra de folego, nota-
vel pelo rigor scientifico e opulenta de erudição. Ella, só,
dar-lhe-ia direito a vestir a clamyde de jurisconsulto.

Abre o livro com a declaração de que « não vem pedir me-
ças á obra do conselheiro Laffayette, porém simplesmente
apresentar uma outra fórmula de pensamento. O elemento
historico e o comparativo transformam, presentemente, o
estudo do direito, e o pensamento do autor tentou abeberar-
se d'elles, para seguir a orientação do momento historico
actual. »

Vem depois o estudo de todas as instituições do *Direito
da familia*, examinadas á luz da doutrina, da legislação pa-
tria e das codificações modernas, realisando-se assim o pen-

samento de Lobão, o pro
fez uso d'este excellente ins
tudo da legislação comparad
milia, Introd. XII.

A Família, esponsaes, o
men da communhão de bens, regim
regimen dotal, arrhas, dissolução da soc
lações entre pais e filhos, alimentos, tutela, co
tituição *in integrum*—eis os assumptos tratados c
ravel lucidez e precisão, quer sob o ponto de vista pu
scientifico, quer sob o ponto de vista pratico, ou da pro
alistica.

Clovis Bevilaqua acompanha toda a evolução historica
do Direito Civil Patrio e mostra-se digno de figurar na
pleiade dos nossos melhores jurisperitos, como Teixeira de
Freitas, João Chrispiniano Soares, Perdigão Malheiro, Paula
Baptista, Ramalho, Laffayette e Ribas.

Pelo que diz respeito á litteratura juridica estrangeira, é no-
tavel o saber que apresenta, revellando conhecer, além dos
escriptores portuguezes e francezes, que figuram nas
estantes de todos os estudiosos, os principaes vul-
tos da litteratura juridica ingleza, italiana e allemã! Entre
outros são por elle citados e criticados Sumner-Maine,
Padelleti, Cogliolo, Spencer, Westermarck, Hermann Post,
Glasson, Smith, d'Agnano, R. Von Ihering, Foustel de Cou-
lange, Shulte, Lehr, Taine, Bridel, Cimbali, Roth, Wharton,
Prescott, Gallupi, Lecornec, Cimbali e Lacointa.

Mas tudo isso sem accumular citações, sem trahir-se,
uma vez sequer, o desejo de ostentar erudição. Neste ponto
o esperançoso escriptor cearense distingue-se de outros es-
piritos, aliás illustres, que não souberam se mostrar supe-
riores ao sentimento da vaidade.

E' escusado accentuar aqui que Clovis Bevilaqua é um
espírito do seu tempo e que possui, nitida e brilhante, a nova

«10»
clara, em *Nota Prelimi-*
s, que escreve «á luz das no-
berado a sciencia do direito,
a, á historia, á paleontologia
teca e á legislação comparada.»

incompetencia, e sobretudo não dispôr de
para fazer um estudo mais sério do precio-
temos presente. Apenas podemos affirmar, que,
numilissima opinião, elle está perfeitamente á altura
essidades actuaes da nossa cultura juridica e pode
como obra de inestimavel valor scientifico na biblio-
ca dos mais devotados cultores da sciencia do direito.

Resta-nos agradecer ao Dr. Clovis Bevilaqua a valiosa
offerta do seu livro á Bibliotheca do *Centro Litterario* e en-
viar-lhe cordial parabem em nome da mocidade da sua terra,
que ha muito se orgulha de possuir filho tão illustre. J. S.

PATRIA — GUERRA JUNQUEIRO — Honrou-nos o auctor com
a remessa deste seu precioso trabalho.

A «Patria» é um livro de grande valor actual como obra
de propaganda republicana, e um livro de immenso valor
litterario, futuro, quando forem despedaçados de vez os gri-
lhões da escola parnasiana que limpa, enfeita e doira o cor-
po, pouco se importando com a alma, a escola que immola
o espirito á carne, ao Deus Forma.

O grande poeta é um insubmisso e bem comprehende
que a imaginação não tem peias, e o espirito é infinito.

Guerra Junqueiro, desde «Os Simples,» revelou-se, para
mim, o poeta superior da Arte pelo Bello e é por isso que
o considero acima de todos os poetas actuaes, que conheço.

A theoria da arte pela arte é, a meu ver, um attentado á
poesia. Uma flor, que tem vida, merece-me mais do que
uma estatua de bronze, que não tem alma.

A Idéa é um vendaval impetuoso que derriba todos

os obstáculos. E' em
granito á marcha triumphal.

A poesia pode ser escripta
na linguagem selvagem dos bárbaros
dos civilisados : o Bello há de illumina-

O sentimento humano não tem fundo
dal-o, nem a imaginação e o espirito podem.

*Poesia não quer dizer verso, Arte em poesia
dizer arte de metrificar.*

Ninguém poderá dizer perfeitamente o que quer, se
crificar quasi sempre o pensamento, no compasso de
endecasyllabo *sem que salte a ponta aguda de uma syl-*
laba de mais ou se evidencie a deformidade de uma
syllaba de menos.

Como se comprehende que haja leis para sujeitar a in-
spiração entre dois hemistichios de eguaes dimensões? Como
se comprehende que uma vaga de amor que brota do seio
de um poeta, que é maior que o oceano, possa ser cortada
pela cesura do verso?

Si a forma subsistisse, si a forma fosse tudo, e a essencia,
o fundo, a idéa fosse cousa nenhuma, o que seria de vós,
Homero, Virgilio, Dante, Milton, Shakspeare, Camões? e vós,
ó biblicos poetas, Job, Jeremias, Izequiel, Salomão?

A escola parnasiana é estacionaria, é a escola da arte
pela arte, que não progride e que materialisa a poesia, man-
dando compol-a como quem borda arabescos.

A muitos parecerá o glorioso poeta da «Patria» um de-
cadente, um espirito em degenerescencia; eu, porém, pen-
so inteiramente o contrario: — tenho a intima convicção de
que elle ascende progressivamente.

O genio assombroso de Wagner não foi comprehendido
no seu tempo. Assim eu acho que Guerra Junqueiro anteci-
pa-se, escrevendo a poesia do futuro. E' um fructo muito
fino, de sabor esquisito, que não sabe ao paladar de todos.

...do
... clara sua geração e de seu
...s, ou deu o toque de subleva-
...a acaba de cravar bem fundo
...das legislações poéticas com o

...ta ».
... será sempre o espiritualismo do pensa-
...o o bello e o sentimento.

—
...o é escripto em forma de drama e em dialogos en-
...onagens da corte de D. Carlos.
...poéta estigmatiza collericamente os vicios, as miserias,
...torpesas, os roubos, o rebaixamento e a lama do governo
...de sua nobre patria, a cobardia, a imbecilidade e a ro-
...tunda figura de D. Carlos, que apresenta rodeiada de cães
...ordinarios, e com um latego de verdade e indignação reta-
...lha-lhe a cara impiedosamente.

E'-me vedado, pela estreiteza de espaço, entrar na ana-
lyse do livro, limito-me, por isso, a destacar duas partes,
que são as mais bellas :

— A primeira quando apparecem em scena, na cerração
de uma noite de tempestade, os espiritos dos mortos da
dymnastia de Bragança, em que o poéta pinta com as mais
vivas cores a afflicção e a loucura de D. Carlos aterrorisado
de medo.

A principio apparece, destacadamente, um doido, um
phantasma que não tem nome, não tem alma, nem patria,
nem lar, trazendo numa das mãos um livro despedaçado
em que se leem os versos da immortal épopéa de Camões :

«Esta é a ditosa patria minha amada.»

.....

«Alguns traidores houve algumas veses.»

O poéta esquecendo um momento o odio que lhe faz bor-
bulhar no peito a lepra moral do governo de sua nobre patria
attinge ao sublime, quando o heroico condestavel Nun'Al-

vares fala ao rei em
camoneano.

E na simples acção do ve
da panoplia a sua espada glori
noite :

«Volte á bigorna o duro aço
acabes, afinal, relha de arado
pelos campos de Deus a lavrar trigo»

«Deus te acompanhe ! Seja Deus louvado
há uma grande expressão, uma grande eloquencia,
blime grito de dor e de angustia, gemido na oppressão
ao poeta esmaga o derruimento da obra collossal dos ante
passados.

A outra parte é quando a alma do doido sae de um montão
de ruinas, luminosa e bella, e se encarna.

O livro é fechado com chave de ouro. Deante do madei-
ro em que está crucificado o doido, um velho tremulo apa-
nha o pesado guante de Nun'Alvares e o entrega á criança
que tem nos braços. O poeta traça com elle uma interroga-
ção ao futuro.

A «Patria» é o toque de clarim que manda preparar e car-
regar ; falta a voz de fogo para que rebentem as bombardas
flammivomas dos canhões assestados contra um throno fraco
e oscillante, que rege os destinos da vida de uma nação gran-
de pelo seu passado glorioso, pelos valentes da guerra e da
honra, pelos heróes do genio.

Camões salvou do olvido a patria antiga, salve Guerra
Junqueiro da hecatombe a patria moderna. PEDRO MONIZ.

CENONTOLOGIA, OU ENSAIOS DE SCIENCIA E RELIGIÃO—E' esse
o titulo da ultima publicação litteraria de um nosso conterra-
neo, o illustrado Conego Raymundo Ullyses Pennaforte, re-
dactor do *Zuavo*, do *Caetense* e da *Tuba*.

O Conego U. Pennaforte não é um *novo*, pois que ha

claro escriptor, e, mais fe-
s, cujo nomeada, que lhe au-
trabalhos que tem produsido,
a *Biographia do bispo Ma-*
riano.

hou elle a conferencia, que pronunciou
por occasião de inaugurar-se ahi o Paço
e a que faz preceder um longo prefacio destina-
cussão de assumptos philosophicos.

Os fora consentido enunciar com franqueza a impres-
são que nos ficou da leitura da *Cenontologia* diriamos que
ela demonstra com exuberancia que seu autor entrega-se
com amor e com vantagem a esse genero de estudos e não
anda arredio do que sobre elles se tem pensado e escripto
mais modernamente, mas diriamos tambem: que para exter-
nar seus conceitos de polemista catholico e de homem de
sciencia devia ter aguardado diversa occasião e preferido
outro auditorio que não o das festas de inauguração de casas
de camarás. Diriamos tambem que o espirito mais despre-
venido descortina em algumas paginas do folheto, cujo ap-
parecimento no mundo das lettras estamos a annunciar com
prazer aos leitores do *Iracema*, o desejo vehemente de fazer
claro que o autor conhece algumas linguas estrangeiras, o
que poderia deixar-se ver por processo muito outro.

Salvo esse ligeiro senão que o é para nós em escriptos da
ordem da *Cenontologia*, e que não amamos porque de caso
pensado tenta armar ao effeito, salvo esse senão, cuja confis-
são o autor não nos levará a mal, só temos para elle pala-
vras de felicitação e votos para que cada anno enriqueça a
litteratura patria com obras de provado valor como é de es-
perar de quem com tanto proveito se tem dedicado aos tra-
balhos de critica litteraria e ás especulações philosophicas.—

G. S.



ACTAS DAS SESSÕES

Sessão em 13 de Outubro

Convocada a sessão para tratar de assuntos administrativos, foi supprimida a parte litteraria.

O expediente constou do seguinte :

Proposta assignada por Pedro Moniz, Alvaro M. Antonio Ivo, assim redigida—Proposta—Os abaixo nados, socios fundadores do Centro Litterario, para que a associação tome a directriz, que lhe foi imposta no momento de sua fundação, e de que muito se tem desviado, propõem :

1.º Que seja considerado eliminado o socio que não tiver comparecido á presente sessão e não justificar o motivo porque o fez, em escripto ao Secretario, até o dia 14 deste mez;

2.º que para a boa marcha da sociedade e se possa cumprir bem e fielmente a lei, que a rege, se proceda hoje á eleição para a nova Directoria, tomando esta posse immediata depois de eleita ;

3.º que sejam supprimidos os logares de 2.º secretario e 2.º bibliothecario ;

4.º que seja nomeada uma Commissão para a revisão da lei organica do Centro, afim de que sejam feitas nella as alterações precisas ;

5.º que fique supprimida a publicação do jornal «Iracema», sendo substituida pela publicação de uma revista trimensal com o mesmo nome, de fórmula igual à Revista do Instituto do Ceará, de 64 a 120 paginas ;

6.º que fique estabelecida a cada um socio, como assignatura da referida revista, a quantia de 5\$000 mensaes, que irá diminuindo á proporção que se forem adquerindo assignaturas que dêem para as despesas ;

...10
... para ficar sob a direcção
... a cargo do Sr. Fran-

... será publicado como perten-
... Centro, sem que primeiro seja sub-
... ponto deste, que o enviará a uma commis-
... membros para dar parecer por escripto.
... se o socio que no mez seguinte não tiver pago a
... idade do mez anterior, fica considerado como tendo
... de ser socio.

Submettidos á discussão, foram approvados os arts :
1.º—com a emenda—até a proxima sessão a juizo da
mesa ; 2.º, 3.º, 5.º, 7.º, sem discussão ; 4.º—com a emenda—
marcando-se o praso de oito dias ; 6.º—com a emenda—
5\$000 nos tres primeiros mezes e 2\$000 d'ahi em diante ;
8.º passou para ser tratado na revisão da lei organica ; 9.º
com a emenda—dentro de tres mezes.

Procedendo-se á eleição por votação nominal para a di-
rectoria, deu o resultado :

Presidente—Dr. Guilherme Studart.
Vice-presidente—A. Papi Junior.
Secretario—Pedro Moniz.
Thesoureiro—Francisco Mattos.
Bibliothecario—Francisco Carneiro
que foram logo empossados.

Sessão em 20 de Outubro de 1895

Apresentaram justificativas das faltas da ultima sessão
os Srs. Drs. Farias Brito e José Lino, Marcolino Fagundes,
Antonio Bezerra, Alcides Mendes, Joaquim Fabricio e Ro-
drigues de Carvalho.

A commissão rev
sentou o seu trabalho, q
emendas apresentadas e acce

Concedeu-se a eliminação
Cunha.

O Sr. Presidente nomeou as comm
Pedro Moniz e Alvaro Martins para comprin
frade Dr. Martinho Rodrigues e de Francisco Mat
cisco Carneiro para dar pesames ao confrade Pap

Na parte dos Estatutos referente á mudança do
desta capital para o de Itacuma votaram contra os Snr.
Guilherme Studart e Dr. J. de Serpa, Marcolino Fagundes,
Nabor Drumond e Xavier de Castro que pediram constasse
da acta o seu protesto, visto terem sido vencidos.

Submettida á discussão a proposta apresentada para
fazer parte dos Estatutos a limitação do numero de socios
effectivos, passou, approvada, sendo então fixado em trinta
o numero dos socios effectivos, que são os seguintes :

- 1 Dr. Guilherme Studart.
- 2 A. Papi Junior.
- 3 Pedro Moniz.
- 4 Alvaro Martins.
- 5 Frota Pessoa.
- 6 Vianna de Carvalho.
- 7 Francisco Carneiro
- 8 Francisco Mattos
- 9 Antonio Ivo.
- 10 Rodrigues de Carvalho.
- 11 Soares Bulcão.
- 12 Themistocles Machado.
- 13 Joaquim Carneiro.
- 14 Annibal Theophilo.
- 15 Marcolino Fagundes.
- 16 João Lopes Ribeiro.

- ...des.
...Fabricio.
...Martinho Rodrigues.
...Farias Brito.
...Antonio Bezerra.
...Dr. J. de Serpa.
29 Dr. José Lino.
30

Ficando a vaga existente para ser preenchida por quem se apresentar dentro das formalidades da lei.

Passando-se aos trabalhos litterarios o consocio Rodrigues de Carvalho fez a leitura da continuação de seu poemeto *O Coração*.

Alvaro Martins fez a leitura de diversas partes de um seu novo livro intitulado—*Poema Azul*—.

Findos os trabalhos, foi encerrada a sessão.

Sessão em 27 de Outubro de 1895

Aberta a sessão para a leitura de trabalhos litterarios, constou esta de *Manhã na Aldeia*, soneto de Francisco Palma,—*Elles se amam*, conto em verso de Annibal Theophilo,—*Carta a Pedro Moniz* a proposito de seu livro de versos, de Vianna de Carvalho,—*A Prece do Jaguaribe*, conto de Soares Bulcão.

Sessão em 3 de Novembro de 1895

EXPEDIENTE :— Apresentação dos *Brazões* de B. Lopes

e *Cartas Litterarias*
agradecer.

PARTE LITTERARIA:— *Ai*,
Romantica, conto, Frota Pessoa,
Mattos Guerra,—*O Doido do I*
ção, *Carta em versos* de Luiz
—*Resposta*, versos, de Annib
—*Volta ao Lar*, poesia, Themis

Sessão em 10 de Novembro de 1895

EXPEDIENTE: Proposta de Alvaro Martins:

- 1.º que entrasse para a vaga existente no quadro effectivo do Centro o socio fundador Fiusa de Pontes;
- 2.º que cada socio tivesse um logar certo para sentar-se por ocasião das sessões;
- 3.º que cada socio tivesse a sua legenda.

Approvada.

PARTE LITTERARIA:— *Paginas do Coração* — abertura em versos d'um livro de prosa deste titulo, de Pedro Moniz,—*Maio*, soneto, Alvaro Martins,— *Conto do Vigario*, Frota Pessoa,—*Pessimismo*, versos, Francisco Palma,— *Livro aberto*, *Pedido*, *No Eden*, *Santa*, *Vingança Nupcial*, sonetos e poesias do livro *Myosotis* de Fiusa de Pontes,—*Tarde do Egypto*, soneto, Rodrigues de Carvalho,— *Bemditas Lagrymas*, *Apreciação sobre os Pescadores da Tahyba*, *Calvario e Céu*, *Palhaço*, *Perfis amigos*, *Longe*, *Neuroses*, poesias e prosa de Themistocles Machado.

Sessão em 18 de Novembro de 1895

EXPEDIENTE:—Aprovada a seguinte proposta de Pedro Moniz:—

PA
conto,
Biblia

de
Martinho Rodrigues
Fabricio.

de Pedro Moniz.

«lo
lara
s. ou
rnal
noticia que
e que sejam
noticias dadas pelos jornaes da
«ario », que o secretario julgar
consultas á casa.

atricidio de Pedra d'Agua,
posição do plano do poema

Sessão em 25 Novembro de 1895

A parte litteraria deste dia constou da leitura dos seguintes trabalhos :

Estudo sobre o norte litterario em 1896, pelo Dr. Adherbal de Carvalho,— *Adolescente*, conto de Francisco Mattos,— *o Futuro*, estudo de Joaquim Fabricio,— *Diva-gando*, fantasia, de Nabor Drummond.

Sessão em 1.º de Dezembro de 1895

EXPEDIENTE :— Offerecimentos do *El Corial*, (Jornal) de Madrid e do *Consultor Militar* do Tenente Candido Borges Castello Branco.— Mandou-se agradecer.

Proposta de Alvaro Martins e Pedro Moniz : Propomos que o « Centro Litterario » commemore com uma sessão solemne o anniversario da morte de José de Alencar.

Approvada a proposta foram nomeadas as seguintes commissões : Antonio Bezerra, Pedro Moniz, Marcolino Fagundes, para obter o predio da Assembléa do Estado ; Alfredo Severo, F. Weyne e J. Lopes Ribeiro, convites ; Papi Junior, F. Mattos, F. Carneiro, decoraçáo ; Alvaro Martins, direcção ; Dr. J. de Serpa, orador official.

PARTE LITTERARIA :— *O Dobrado*, conto, Soares Bulcão,

— *Scenas* de
tio Maranhão,
Theophilo,
co, conto, Joaquim de Almeida,
F. Weyne.

